

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

RODRIGO DE OLIVEIRA MORAES

TRAJETÓRIA DE JORNALISTAS NEGROS EM CAXIAS DO SUL

**CAXIAS DO SUL
2018**

RODRIGO DE OLIVEIRA MORAES

TRAJETÓRIA DE JORNALISTAS NEGROS EM CAXIAS DO SUL

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rafael José dos Santos

**CAXIAS DO SUL
2018**

RODRIGO DE OLIVEIRA MORAES

TRAJETÓRIA DE JORNALISTAS NEGROS EM CAXIAS DO SUL

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul.

Aprovado em ___/___/2018

Banca examinadora

Prof. Dr. Rafael José dos Santos
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Me. Marcell Bocchese
Universidade de Caxias do Sul

Prof^a. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho aos negros que resistiram à escravidão
e tanto fizeram pelo Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos meus antepassados trazidos do Noroeste da África, por terem resistido aos açoites e me deixado um legado de nossa diáspora.

Agradeço a minha família, em especial minha mãe, Eva Sirlei Moraes, uma mulher negra guerreira, que de tudo fez para me criar e educar.

Agradeço ao meu orientador e amigo, Rafael José dos Santos, pela paciência e disposição de me instruir na produção deste estudo.

Agradeço aos meus amigos, que são de suma importância para os questionamentos acerca do profissional que quero me tornar, em especial Taís Pellenz e Eduardo Reis, fundamentais no suporte desta produção acadêmica.

Agradeço aos professores e funcionários da Universidade de Caxias do Sul.

*“Então cerre os punhos, sorria
E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazia”
(Emicida – Levanta e Anda)*

RESUMO

O presente texto busca trazer a discussão acerca das trajetórias de jornalistas negros em Caxias do Sul, a partir da inserção do negro na profissão jornalismo. Para isso, foram estabelecidos alguns objetivos. O trabalho tem como proposta geral analisar a inserção do negro como egresso do curso de jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, sendo a universidade que oferta há 25 anos a graduação; na atuação da profissão jornalista na Rádio Caxias, sendo o veículo de comunicação mais antigo da cidade, com 72 anos de atuação no mercado; e analisar os relatos autobiográficos de jornalistas negros. Como objetivos específicos, o texto busca apresentar e discutir as dificuldades de ascensão social da população negra, bem como discutir os fatores históricos causadores desse abismo social. Além disso, o texto se propõe a analisar os dados obtidos no período de toda oferta da graduação em jornalismo, assim como em todo período de atuação da rádio. A metodologia utilizada foi de caráter quanti-qualitativa está dividida em dois momentos anteriores a análise complementar. Na análise qualitativa dos dados coletados, a pesquisa utiliza, ainda, o método de registro documental através da história oral e autobiográfica. Como resultado, foi possível perceber que existe uma estrutura branca vigente em detrimento da contribuição do negro para os aspectos culturais, sociais e econômicos de Caxias do Sul e consequência disso, pouca inserção do negro na profissão jornalista.

Palavras-chave: Jornalista negro. Caxias do Sul. Negro brasileiro. Jornalismo.

ABSTRACT

The present text seeks to bring the discussion about the trajectories of black journalists in Caxias do Sul, from the insertion of the black in the journalism profession. To this end, some objectives were established. The work has as general proposal to analyze the insertion of the black as an undergraduate journalism course at the University of Caxias do Sul, being the university that offered for 25 years the graduation; in the work of the journalist profession in Radio Caxias, being the oldest communication vehicle in the city, with 72 years of activity in the market; and to analyze the autobiographical accounts of black journalists. As specific objectives, the text seeks to present and discuss the difficulties of social ascension of the black population, as well as discuss the historical factors that caused this social abyss. In addition, the text proposes to analyze the data obtained during the period of all undergraduate journalism offerings, as well as in every period of radio activity. The quantitative-qualitative methodology used was divided into two moments before the complementary analysis. In the qualitative analysis of the data collected, the research also uses the method of documentary recording through oral and autobiographical history. As a result, it was possible to perceive that there is a white structure in effect to the detriment of the contribution of the Negro to the cultural, social and economic aspects of Caxias do Sul and consequently, little insertion of the black in the profession journalist.

Keywords: Black journalist. Caxias do Sul. Brazilian Black People. Journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	15
3 ASPECTOS DA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL, RIO GRANDE DO SUL E CAXIAS DO SUL.....	20
4 ASPECTOS DA HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL, RIO GRANDE DO SUL E CAXIAS DO SUL.....	29
4.1 DADOS QUANTITATIVOS DE JORNALISTAS NEGROS EM CAXIAS DO SUL.....	35
5 HISTÓRIA ORAL E AUTOBIOGRAFIA.....	38
5.1 INTRODUÇÃO ÀS AUTOBIOGRAFIAS.....	42
5.1.1 Eliseu de Brito Evangelista.....	43
5.1.2 Porthus Afonso Xavier de Brito Junior.....	46
5.1.3 Jânio Luiz Rosa de Medeiros.....	53
5.2 O QUE DIZEM AS ENTREVISTAS AUTOBIOGRÁFICAS?.....	59
6 ANÁLISE.....	60
6.1 O QUE DIZEM OS DADOS?.....	61
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXOS.....	75
ANEXO A – RELAÇÃO NOMINAL DOS FORMADOS NO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL.....	76
ANEXO B – RELAÇÃO NOMINAL DE JORNALISTAS QUE ATUAM OU ATUARAM NA RÁDIO CAXIAS.....	93
ANEXO C – PROJETO MONOGRAFIA I.....	97

1 INTRODUÇÃO

O contexto em que o negro é inserido, ao longo da história, possui diversas características que variam de acordo com o contexto social, cultural, econômico e regiões em que está introduzido no Brasil em cada época. A colonização dos portugueses, ao longo da história, sempre esteve aliada à exploração dos recursos e não ao desenvolvimento de uma futura nação, a qual se tornara étnica-plural. O abismo social que se construiu entre os pobres e os ricos, obviamente, é consequência de uma história de sangue negro nas mãos dos lusos.

De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 54% da população é negra. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, apontou através da pesquisa *Atlas da Violência 2017*, homens negros, jovens e de baixa escolaridade correspondendo a 78,9% dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. Ainda sobre a análise desenvolvida, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras, e os negros possuem 23,5% mais chances de serem assassinados em relação aos demais brasileiros de outras etnias, não contando os fatores de sexo, estado civil, idade, bairro de residência e escolaridade.

Os números apontam que em 2005 os negros eram 5,5% em idade universitária frequentando o ensino superior, e posteriormente as políticas públicas de acesso às universidades, em 2015, o índice chega em 12,8%. Resultando em um salto que representa mais que o dobro de negros, entre 18 e 24 anos, acessando universidades. Em comparação aos brancos, os números ainda continuam inferior a metade, que em 2005 era de 17,8% e no censo de 2015 chega a 26,5%, segundo Agência Brasil de Comunicação (EBC). Já segundo a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais do Ensino Superior (Andifes), nas universidades públicas, os universitários negros são ainda menos presentes, sendo 8,72% dos estudantes de graduação. Em contrapartida os graduandos brancos são 53,9%.

Apenas 10% dos livros brasileiros publicados entre 1965 e 2014 foram escritos por autores negros e os personagens retratados pela literatura nacional 60% dos protagonistas são homens e 80% deles brancos, segundo pesquisa realizada pela Universidade de Brasília (UnB). De acordo com o estudo realizado pela UERJ, *A Cara do Cinema Nacional*, revela que homens negros são 2% dos diretores de

filmes nacionais, trabalhando com direção ou produção cinematográfica, nenhuma mulher negra foi registrada e o maior número são roteiristas, representando apenas 4%. Ainda na pesquisa dos filmes analisados, 31% tinham no elenco atores negros, e desses, os papéis desempenhados quase majoritariamente eram de pobreza e criminalidade.

Esta pesquisa aborda *A Trajetória de Jornalistas Negros em Caxias do Sul* à luz das possibilidades de acesso dos estudantes ao curso de graduação em jornalismo na Universidade de Caxias do Sul, instituição de ensino superior que oferta há 25 anos a formação na cidade, e aos profissionais da Rádio Caxias, rádio com 72 anos de atuação no mercado. O amadurecimento da temática abordada neste trabalho é resultado da observação prática do cotidiano, da observação prática dos jornalistas, as discussões associadas ao espaço periférico onde cresci, as disciplinas que tive em minha graduação, aos teóricos que conheci nos Encontros Caóticos de Comunicação e do Turismo, do grupo de pesquisa da Professora Doutora Maria Luiza Cardinale Baptista, o Amorosidade Comunicação e Turismo (AmorComTur).

No sentido dos dados apresentados, o presente estudo é ligado principalmente ao legado de Zumbi dos Palmares, ícone da resistência negra à escravidão, líder do Quilombo dos Palmares, comunidade livre formada por negros escravizados fugitivos das fazendas no Brasil Colonial, hoje, localizado na região da Serra da Barriga, integrando o município União dos Palmares, no estado de Alagoas. O dia de sua morte, dia 20 de novembro de 1695, é celebrado o Dia da Consciência Negra.

No caso deste texto, o desejo de *pesquisa-resistência* foi se construindo no dia nove de outubro de 2014. Naquela quinta-feira ainda estava longe de me matricular nas disciplinas de Monografia. Já era passado o meio dia quando entro na sala de cirurgia do Hospital Pompéia, seguro uma câmera, e a enfermeira coloca um banco ao meu lado, caso eu viesse a me sentir mal, devia sentar, pois ninguém me atenderia se viesse a desmaiar.

Enquanto eu inicio as filmagens, seguro de meu bem-estar no momento, o médico responsável pelo procedimento cirúrgico pega o bisturi e começa a cortar aquela barriga que carregara durante 39 semanas, o que viria a ser a maior e melhor

responsabilidade da minha vida. Em questão de 15 minutos ele me convida para me aproximar de minha filha e dar um beijo em seu rosto assustado com tantas informações que tinha que absorver nesse novo lar. Naquele momento percebi que no mundo contemporâneo globalizado, em que há cada vez menos fronteiras, os movimentos de resistência procurando igualdade, ainda faltava representatividade para minha filha, assim como faltou em minha formação subjetiva.

Percebe-se que essa falta de representatividade do negro em posições de ascensão social, tem como características o detrimento da contribuição do negro na construção do Brasil, Rio Grande do Sul e Caxias do Sul, o abismo social fortalecido com o sistema escravista e as políticas de embranquecimento. Por exemplo, quando a história de Caxias do Sul é retratada por meio da ideia da homogeneidade da imigração italiana, é ignorado a contribuição das demais etnias. O problema, nesse caso, passa a não ser a cultura dos descendentes de italianos, mas as demais que são asfixiadas pela vigente. Nesse sentido, é importante questionarmos a inserção das demais etnias, mais especificamente nesta pesquisa a população negra na profissão jornalismo, a qual tem um enorme potencial de formar opinião.

Cabe ressaltar, ainda, que para o entendimento dos aspectos do negro na história do Brasil, Rio Grande do Sul e Caxias do Sul, aqui, baseia-se em autores como Ribeiro (2015), Gorender (1978) Fernandes (1978), Maestri (1984), Giron (2009) e Caregnato (2010). Para esses pesquisadores, os braços e suores negros tiveram papel fundamental no desenvolvimento geral do país.

No que se refere à escolha da profissão jornalista é importante ressaltar o papel da profissão como uma das principais fontes formadoras de opinião. Para essa sustentação acadêmica, os aspectos da historicidade da imprensa é retratada através dos autores Sodré (1991), Martins e de Luca (2011), Alves (2002), Silva e Clemente (1986), Barreto (1986), Ancarini (1983) e Pozenato e Giron (2004).

O presente texto se justifica, ainda, na medida em que se propõe a investigar a inserção do jornalista negro, como egresso da Universidade de Caxias do Sul e atuando como profissional na Rádio Caxias, através de registros documentais e relatos autobiográficos. Assim, indicando não apenas o negro junto do jornalismo, mas sinalizando e contrapondo uma estrutura racista.

É importante também destacar que aparece como fundamental na análise uma questão relacionada a história oral e registro da informação viva através das

autobiografias. A pesquisa, portanto, segue uma linha que vem discutindo essa temática, que vai muito além da entrevista e transcrição, mas assume uma função ainda mais crucial na ideia de contrapor o senso comum da história. Quando o jornalismo, que tem como característica a democratização da informação, não traz consigo representatividade, traçar a inserção do jornalista negro em Caxias do Sul surge como balizador para a crítica dessa ideia de jornalismo. O estudo, portanto, é justificável na medida em que influencia tanto a sociedade como um todo, bem como o estudo das barreiras da ascensão profissional do negro.

Para a realização deste trabalho, a metodologia utilizada foi de caráter quanti- qualitativo. A escolha se baseia na ideia de que a pretensão não é apenas quantificar dados, mas sim coletar, como subsídio para a realização de uma análise de conteúdo de forma mais aprofundada. Para analisar esses dados, foram investigados todos os alunos formados em jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul e quantos desses eram negros; e todos os profissionais que atuaram como jornalistas na Rádio Caxias e quantos desses também eram negros. Num primeiro momento, então, o trabalho apresenta o cruzamento dos dados e a porcentagem de inserção de negros na profissão jornalismo. Depois, com a base para saber quantos negros acessaram essas tradicionais instituições, há a análise das entrevistas autobiográficas realizadas com o intuito de traçar a trajetória dos negros no jornalismo.

Por fim, destaca-se que essa pesquisa procura romper com a estrutura branca vigente e, portanto, procura desconstruir a lógica de detrimento da história do negro, propondo a ideia de que os aspectos culturais, econômicos e sociais são étnico-plural.

A respectiva pesquisa está estruturada em sete capítulos. Após esse capítulo introdutório, apresenta-se a metodologia. A apresentação metodológica vem seguida de um panorama, esse sim mais conceitual, da inserção do negro e da história da imprensa no Brasil, Rio Grande do Sul e Caxias do Sul.

Terminada a contextualização bibliográfica, percorrendo a historicidade e a apresentação do objeto a ser investigado, o estudo, enfim, apresenta o processo de análise, que se dá anteriormente em dois momentos complementares.

No capítulo quatro se encontra a análise quantitativa dos egressos negros da graduação em jornalismo da Universidade de Caxias do Sul e os profissionais

negros que atuaram ou atuam como jornalistas na Rádio Caxias. Além dos apontamentos de inserção, o capítulo cita os graduados e traz um comentário sobre o primeiro jornalista negro de Caxias do Sul, o qual trabalhou na rádio objeto de pesquisa.

As fontes da análise qualitativa estão no capítulo cinco e tratam sobre a história oral e autobiografias. Relacionando com as entrevistas das trajetórias dos jornalistas negros. No capítulo seis, sintetiza-se os dados quanti e qualitativos para de fato, realizar a análise sobre a inserção do negro na profissão jornalismo. Nessa etapa, os autores Thompson (2002), Minayo (2002) e Queiroz (1991), foram determinantes para a compreensão do estudo social através da história oral e autobiográfica, posteriormente tornando-se registro documental.

Feita a análise, o último capítulo traz as considerações finais e apresenta os resultados da análise. Os objetivos propostos no início do trabalho são retomados, demonstrando que foi possível cumprir com as investigações e análise, bem como o que ficou de aprendizado para ampliação dos estudos protagonizados por negros.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente texto busca analisar a *Trajetória de Jornalistas Negros em Caxias do Sul*, sendo o jornalismo, uma das principais profissões que carregam a responsabilidade de formação da opinião. O trabalho está dividido estruturalmente em quatro partes. A primeira é a geral, que demonstra através de dados o negro inserido em determinados contextos econômicos-sociais, dando um norte no mote da pesquisa.

A seguir vem o levantamento teórico, onde se procura o embasamento necessário para compreender os elementos da relação negro e jornalismo, bem como a interface entre a etnia e a profissão, uma vez que se busca analisar qual a inserção do negro como profissional de comunicação. Tal etapa é dividida em três levantamentos, um referente a aspectos da história do negro, outro aspectos da história da imprensa e o terceiro, aspectos da história oral e autobiográfica. Junto desses, são levantados dados de quantos jornalistas negros são formados no ensino superior de Caxias do Sul, bem como quantos atuam no mercado.

As razões de escolha serão tratadas na justificativa posterior, mas, por hora, basta dizer que o presente estudo traça um retrato antagônico entre a cultura publicizada na serra gaúcha, cuja a participação do negro, assim como em outras cidades brasileiras, não teve seu espaço reconhecido pelos livros de história.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de cunho quanti-qualitativo. No primeiro momento, o estudo quantifica os dados obtidos dos graduados em jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul, e os profissionais que atuaram ou atuam no veículo Rádio Caxias.

O método quantitativo, não possibilita entender de forma mais ampla alguns fatores desta pesquisa, mas proporciona um fundamento para a análise qualitativa. Para Minayo (2002), as análises sociais seriam objetivas, se fossem equânimes e padronizadas. “No cerne da defesa de método quantitativo enquanto suficiente para explicarmos a realidade social está a questão da *objetividade*” (MINAYO, 2002, p. 23).

Como esta produção não consegue apenas através do método quantitativo objetificar suficientemente a análise projetada, em todos os momentos da quantificação, a pesquisa é realizada com a ideia de um caráter qualitativo. “A

pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (MINAYO, 2002, p. 21). Nesse sentido, é necessário integrar os métodos quantitativos e qualitativos, na medida em que o trabalho em conjunto deles pode perfazer as necessidades deste estudo.

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia (MINAYO, 2002, p. 22).

Para construir uma análise sobre os jornalistas negros em Caxias do Sul explorando o material coletado, foi possível compreender que há muitos elementos para estudo no apontamento das trajetórias. Optou-se, portanto, por transcorrer pela historicidade do negro brasileiro, gaúcho e caxiense; da imprensa brasileira, gaúcha e caxiense; e da história oral e os métodos de autobiografia, por dois motivos.

Primeiro, o fator já mencionado, da ideia de ilustrar as consequências históricas que levaram os negros a serem a maioria da população no Brasil e, ao mesmo tempo serem uma pequena parcela de representação étnica afro-brasileira em ascendência econômica-social, assim como, discorrer pela historicidade da imprensa que tem papel fundamental nesse estudo para relacionar com a profissão jornalismo. A seguir, trabalhar com a história oral e os métodos de autobiografia, pois, é através dessa correlação que pode-se colocar as entrevistas dos jornalistas negros como forma complementar da análise.

[...] se os brasileiros conhecem um clima de tolerância racial, praticando um código de decoro nas relações em que entram em contato como “brancos”, “mestiços” e “negros”, não seria melhor que esse fato tivesse importância em si mesmo, independente de qualquer fantasia a respeito de uma “igualdade racial” que não poderia existir numa sociedade recém-egressa da escravidão na qual a concentração da riqueza, do poder e do prestígio social abre um fosso intransponível mesmo nas relações de diferentes segmentos da “população branca”? (FERNANDES, 1972, p. 22).

Os dados analisados foram coletados da seguinte forma: a) por meio dos arquivos da Universidade de Caxias do Sul, onde se apresenta toda a relação nominal de graduados no curso de jornalismo no período de seus 25 anos de oferta; b) através do livro *Rádio Caxias 70 anos: voz e identidade*, da Rádio Caxias, no qual se apresenta a história dos 70 anos do veículo, com o adendo que, não se tem uma relação exata de profissionais, pelo motivo que a rádio trocou os proprietários ao longo de sua história; c) e também, as entrevistas autobiográficas dos jornalistas negros, Eliseu de Brito Evangelista, Porthus Afonso Xavier de Brito Junior e Jânio Luiz Rosa de Medeiros.

Após a coleta dos dados, a pesquisa utiliza a metodologia qualitativa para análise e, nesse sentido, acrescer o olhar do estudo sobre o objeto e aprofundar a discussão acerca da inserção do negro na profissão jornalismo. As variantes que definiram a análise qualitativa tratam basicamente de dois aspectos: a) os dados levantados e, nesse sentido, a ideia de mostrar a carência de profissionais negros; b) o desdobramento das autobiografias, ou seja, os relatos das *Trajetórias de Jornalistas Negros em Caxias do Sul*.

Para sinalizar a importância do entrelaçamento entre a pesquisa quantitativa e qualitativa, no livro *Arte de Pesquisar*, Goldenberg (1999) relata argumentos para a utilização de um cruzamento entre esses dois métodos.

Como nenhum pesquisador tem condições para produzir um conhecimento completo da realidade, diferentes pontos de vista, e diferentes maneiras de coletar e analisar os dados (qualitativa e quantitativamente), que permite uma idéia mais ampla e inteligível da complexidade de um problema. A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um *cruzamento* de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular (GOLDENBERG, 1999, p. 60 - 61).

O embasamento teórico procura um diálogo com diferentes autores, destacando pontos de acordo e destoantes em suas produções. Como referencial acadêmico, no que tange aspectos da história do negro, serão abordados autores como Ribeiro (2015), Gorender (1978) e Fernandes (1978), representantes de produções teóricas que estudam o viés do negro em contexto de sistema escravista e pós-escravista no Brasil; Maestri (1984), Giron (2009) e Caregnato (2010), que

traçam um panorama sobre aspectos da história do negro no Rio Grande do Sul e, em Caxias do Sul. Também será apresentado Fulgêncio (2014), tratando em seu estudo sobre a política de branqueamento do Senado brasileiro e Lazzarotto (1981), abordando a situação trabalhista da população negra em Caxias do Sul. Ainda no campo da historicidade, para a análise dos negros, foi buscado o conceito de racismo no referencial de Ianni (2004).

No campo dos aspectos da historicidade da imprensa, a interface escolhida para o recorte da pesquisa imprensa e negros, foram abordados autores como Sodré (1999), Martins e de Luca (2011), e Alves (2002), que trabalham a criação da imprensa, assim como os períodos em que se desenvolveu nacionalmente. Bem como Silva e Clemente (1986), Barreto (1986), Ancarini (1983) e Pozenato e Giron (2004), que situam a imprensa gaúcha e regional.

No que se refere à aspectos da história oral e autobiografia, o foco da discussão seguiu a linha teórica de Silva (2013) e Pereira (2015), para primeiramente relacionar a importância da oralidade com os mestres griôs; Marcuschi (2003), Thompson (2002), Queiroz (1991) Ferreira e Amado (2005), que trabalham com as práticas e técnicas de história oral e gravação da informação viva. Mais do que entender as técnicas de registro das histórias orais e autobiográficas, é essencial a compreensão do seu papel como agente que, ainda que não consiga ser subversivo num sistema de autores e produções renomadas, possa-se perceber e utilizar. Ao se movimentar dessa forma, dá espaço a uma tendência e, de certa forma, os potencializa.

O estudo de caso da pesquisa foi analisado dentro da discussão de análise de Thompson (2002), Minayo (2002) e Queiroz (1991). Para Minayo (2002), quando cruzamos os dados e informações obtidas, a ideia é que por fim se chegou na análise, porém ela já se inicia no processo de descoberta e desenvolvimento do objeto de estudo. Assim, a função do processo de criação de um ponto de vista novo sobre os jornalistas negros também é romper essa hegemonia social vigente. “Somos partidários desse posicionamento por acreditarmos que a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para dos dados da pesquisa” (MINAYO, 2002, p. 68). Thompson (2002) ainda aponta que:

A pesquisa científica progride mediante uma sequência sinuosa de teoria geral, observações e conjecturas, experimentos, hipóteses de trabalho testadas por experimentos ulteriores, becos sem saída, e conjecturas e testes adicionais, até que, finalmente, uma hipótese resiste a todas as condições e, se for conveniente, busca-se, então, uma reformulação da teoria (THOMPSON, 2002, p. 321).

Logo, é imprescindível analisar como se dá esse processo de inserção do negro no jornalismo, quais os motivos que os levaram a tão pouca representação no que diz respeito à ascensão profissional como jornalista. Queiroz (1991, p. 128) aponta que:

A conclusão enfatiza o novo conhecimento obtido; ou retifica o problema proposto ao iniciar-se a pesquisa; ou demonstra que o caminho seguido não havia sido plenamente adequado, propondo conseqüentemente um novo caminho a ser explorado; ou, finalmente, traz o descortínio de novos problemas, possibilitados justamente pelos conhecimentos adquiridos no decorrer da pesquisa; ou mesmo apresenta uma reunião de todas estas ilações. Trata-se, portanto, de tirar todas as *consequências possíveis* tanto das orientações tomadas no decorrer da pesquisa, quanto das descobertas efetuadas, e não de repetir, esquematicamente ou em resumo, estas descobertas.

O jornalismo não é apenas a profissão abordada no estudo, mas sim um indicativo contundente, que compõe um dos meios em que o negro tem pouca representação. Assim, a profissão trouxe um parâmetro do afrobrasileiro, configurando-se como uma das tantas profissões que exigem um nível de escolaridade avançado. Através do jornalismo, foi analisado a inserção do negro na profissão, suas trajetórias e os abismos sociais ainda latentes.

3 ASPECTOS DA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL, RIO GRANDE DO SUL E CAXIAS DO SUL

Escrever sobre o negro brasileiro, sobre sua contribuição, e ignorar os indígenas como verdadeiros donos dessa terra, se tornaria uma questão de desrespeito. Não irei discorrer de forma aprofundada sobre seus costumes sustentáveis e os diferentes povos indígenas, mas não poderia deixar de citar. Para Ribeiro (2015, p. 25), “a costa atlântica, ao longo dos milênios, foi percorrida e ocupada por inumeráveis povos indígenas. Disputando os melhores nichos ecológicos, eles se alojavam, desalojavam e realojavam, incessantemente”. Os hábitos ecológicos e avanço na descoberta do alimento de forma partilhada e cooperada a qual se desenvolvia conforme a necessidade humana.

É de assinalar que eles o faziam por um caminho próprio, juntamente com outros povos da floresta tropical que haviam domesticado diversas plantas, retirando-as da condição selvagem para a de mantimento de seus roçados. Entre elas, a mandioca, o que constituiu uma façanha extraordinária, porque se tratava de uma planta venenosa a qual eles deviam, não apenas cultivar, mas também tratar adequadamente para extrair-lhe o ácido cianídrico, tornando-a comestível. É uma planta preciosíssima porque não precisa ser colhida estocada, mantendo-se viva na terra por meses (RIBEIRO, 2015, p. 27).

A partir de um desenvolvimento cooperado, formas sustentáveis de se relacionar com o espaço, poderia posteriormente construir-se uma nação que se desenvolveria de forma mais ecológica. Em uma história na qual não houvesse interferência direta dos europeus, quem sabe hoje, teríamos um país-continente onde em todos os estados, seja como eles poderiam a vir se compor, com grande número de indígenas andando por suas ruas, fato hoje inexistente.

O que restou aos ameríndios nesse processo foi um etnocídio histórico, um exercício de exploração contínuo, uma cultura nova em detrimento de um povo originário, hábitos destrutivos com um viés colonizador e guerras de disputa pelo que em tempos outrora os era legítimo e deixou de ser.

O que aconteceu, e mudou total e radicalmente seu destino, foi a introdução no seu mundo de um protagonista novo, o europeu.

Embora minúsculo o grupelho recém-chegado de além-mar era superagressivo e capaz de atuar destrutivamente de múltiplas formas. Principalmente como uma infecção mortal sobre a população preexistente, debilitando-a até a morte (RIBEIRO, 2015, p. 27).

Já diferente dos povos indígenas, residentes de uma terra que posteriormente se tornaria Brasil, os negros africanos trazidos a fórceps ao Novo Continente, já não tinham mais consigo uma organização em sociedade tribal ou civil. O tráfico resultante de uma política intervencionista e colonizadora europeia dessocializou as diferentes etnias africanas em níveis culturais, sociais, da língua e de evolução social.

A barbárie lusa com a ideia de tráfico mercantilista inseriu efeitos destrutivos que interrompeu e até mesmo impediu a evolução dos povos negros. O berço do continente africano, o qual representava uma população tão numerosa quanto a europeia, tornou-se um espaço de trabalho forçado. Sendo no início assaltos feitos pelos próprios portugueses, ao passar do tempo e tecnologia avançada, a tarefa tornaria-se dos próprios africanos. Ofertando armas de fogo a um determinado povo para o detrimento do outro, e propondo como troca de pagamento a entrega dos inimigos derrotados, tornando-os escravos.

Para Gorender (1978, p. 172), “a captura do africano era indispensável para o escravismo colonial das américas”. Comercializado diretamente ao traficante, até mesmo crianças escravizadas podiam ser compradas com a ideia de serem passados os ensinamentos de um plantador ou então os filhos das mulheres já escravizadas em propriedades de escravagistas. Com uma ideia de redução de custos no crescimento e alimentação dos negros, eram preferíveis na faixa etária dos 16 anos, idade na qual se considerava adulto para o trabalho (GORENDER, 1978).

Segundo Maestri (1984, p. 23), “escravos e senhores-de-escravos serão as categorias sociais centrais de nossa história pré-Abolição; a partir delas é que temos que analisar um grande período de nosso passado”. Esse momento colonizador, era voltado para a ideia de produção de mercadorias como cana-de-açúcar, tabaco, café, algodão e também mineração para o mercado internacional. Uma situação confortável, a qual o fortalecimento da economia se garantia nos inexistentes direitos dos negros.

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanentemente, exercida através dos castigos mais atrozes, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação dos seus interesses (RIBEIRO, 2015, p. 89).

O escravismo no Rio Grande do Sul carrega inicialmente um antagonismo, uma dicotomia de um trabalho não categorizado escravo. Sua chegada junto dos lusos, como uma extensão do colonialismo no restante do país, e esses mesmos negros com a responsabilidade de carregar os pertences dos escravizadores. Maestri (1984, p. 35) destaca que:

Isso não foi, porém, suficiente para constituir de imediato um regime social de produção escravista; o comércio e o contrabando no Prata, a caça ao couro ou o comércio com animais, baseavam-se, fundamentalmente, no trabalho livre (secundado, em algum grau, pelo trabalho africano ou indígena).

Tal antagonismo é resultante do fato que, no estado mais ao sul do país, o número de pessoas escravizadas era menor que em outras regiões e, também outro fator foi o pertencimento da região à Espanha, anexando-se ao colonialismo de Portugal em meados de 1801. O negro escravizado riograndense é consequência do negro escravizado no restante do Brasil, mas seus braços e suores inicialmente não são a principal força de trabalho.

Durante muitos anos, a escravidão no Rio Grande do Sul foi ignorada pela historiografia, sob o pretexto de que havia poucos escravos e que existiria uma democracia gaúcha. Nesta, onde senhores e escravos viveriam da mesma forma simples, trabalhando lado a lado, graças à pecuária. A democracia racial gaúcha é um mito. O mito que nasceu com os viajantes que, por muitos anos, foi reforçado pelos historiadores, defensores de oligarquias agrárias (GIRON, 2009, p. 26).

Esse mesmo negro, posteriormente se tornou o responsável pela produção com a charqueada, e então uma formação consolidada de um sistema exploratório escravo no sul do país. Sendo a produção do charque o ponto capital do sistema

escravista sulista, a tarefa apropriada o trabalho exclusivo para os negros, além do exercício sob coação em produção nas lavouras, surge um novo nicho de mercado, onde os mesmos são obrigados a estarem em uma região fria, semi-nus, matando animais em escala de produção.

Será a charqueada, na última vintena do século XVIII, a responsável pela estruturação de um sólido regime social de produção escravista no Rio Grande do Sul. Centrando parte significativa do esforço produtivo do pampa sobre os ombros do “negro”, teremos, a partir deste momento, uma classe de senhores-de-escravos, vivendo do trabalho destes, acumulando riquezas, acumulando escravos. Será a charqueada que possibilitará, por primeira vez, os meios necessários para uma introdução significativa de “escravos novos” em nossos territórios (MAESTRI, 1984, p. 54).

Nas colônias imigratórias do Rio Grande do Sul, era proibido o trabalho escravo. Na antiga Colônia Caxias, hoje Caxias do Sul, também se tinha essa mesma proibição, no entanto, não se torna uma relação menos importante. Os imigrantes desertores de seus países navegam para uma nova terra, abandonando sua cultura com a ideia de um enriquecimento em novas terras e contribuindo para a ideia da elite dirigente, aquela pensando em uma política de embranquecimento do país.

[...] a grande imigração européia, ocorrida entre 1880 e 1920, serviu de motivo, na elite dirigente do país, para sustentar a tese sobre a vantagem do branqueamento da população. Ao mesmo tempo, parte significativa da elite pensante se inspirava em teses pseudo-científicas para sustentar considerações racistas (GORENDER, 2000, p. 56).

O Brasil sendo o último estado a abolir a escravatura, fortalecido economicamente durante séculos açoitando o negro, se depara com uma população majoritariamente negra e procura formas de resolver essa sobreposição numérica étnica.

Trata-se da Teoria do Branqueamento, que fez dos “mestiços superiores” a saída encontrada pelos cientistas brasileiros para um país cuja população se encontrava em avançado estágio de deterioração racial. Acreditava-se que, com a miscigenação, a raça branca prevaleceria sobre a negra, o que faria com que a mistura

com o europeu tornasse a população brasileira branca em três gerações (FULGÊNCIO, 2014, p. 219).

Toda essa política de embranquecimento, não só na província do Rio Grande do Sul, mas em diferentes estados brasileiros, mostra uma obviedade que dispensa citação teórica: a marginalização, impedimento e exclusão do negro de uma ascensão social. Essa proibição da posse de escravos, de alguma forma minimamente contribuiu para uma convivência harmônica entre os imigrantes e os já tornados afro-brasileiros. O desenvolvimento da Serra Gaúcha em mãos de famílias italianas que em tempos se tornaria a elite caxiense, reinventa-se com o crescimento da agricultura e dá espaço para o surgimento das primeiras indústrias.

Foi nessa antítese social que os afro-brasileiros se inseriram na antiga Colônia Caxias. Um povoado onde os meios de produção estavam nas mãos dos imigrantes e de seus descendentes, cabendo aos afro-brasileiros postos específicos no mercado de trabalho. A esses restavam uma situação de pobreza e a ocupação de núcleos de sub-habitação, já que não haviam recebido terras e lotes para se fixar e, principalmente, herdaram uma realidade, qual seja a de que suas características físicas e culturais não eram bem-aceitas pela classe dominante da cidade (CAREGNATO, 2010, p. 31).

Seguindo no viés do negro em Caxias do Sul, e sua ausência na história como contribuinte da construção da cidade, se percebe essa sobreposição cultural, que transpassa um sentido de ter sido irrelevante para quem tanto trabalhou debaixo de açoites. Asfixia-se historicamente e culturalmente quem desempenhou não só o trabalho nas charqueadas, mas também nos desmatamentos, como tropeiros, nos trabalhos domésticos, na Guerra do Paraguai, os lanceiros negros na Guerra dos Farrapos onde assumiram lugar de filhos de escravagistas e foram traídos, sem contar sua participação na agricultura.

Outro setor em que é possível analisar a presença marcante da mão de obra negra, no Município de Caxias, foi na agricultura, em pequenas propriedades rurais. Foi através dos minifúndios que teve início o processo de organização do Município de Caxias do Sul (CAREGNATO, 2010, p. 31).

No processo de estruturação de Caxias do Sul, um dos espaços onde o negro exerce um papel fundamental, é o qual viabiliza o transporte, construindo a

estrada de ferro e suas pontes, contribuindo para a infraestrutura na canalização de água e construção de ruas e estradas. “[...] no setor industrial, cujas vagas eram ocupadas em sua maioria por imigrantes e descendentes de italianos, restavam os setores insalubres (que necessitavam de mais energia) aos mais pobres entre esses estavam os afro-descendentes” (CAREGNATO, 2010, p. 46). Para Giron (2009), o contraste cultural separava os negros dos imigrantes italianos:

Os negros moravam nas proximidades da estrada de ferro, próximo à estrada que hoje leva à capela da Salete, frequentando um salão que funcionava nas proximidades. Nele, se reuniam para beber, jogar cartas, e, algumas vezes, dançar. Outro salão estava situado próximo à futura estação, onde se reuniam os colonos com o mesmo objetivo; viviam separados uns dos outros. Muitas coisas os segregavam, e a principal era a língua, pois os colonos não falavam português, apenas seus dialetos italianos (GIRON, 2009, p. 109).

A antiga Colônia Caxias tem hoje, como uma das principais forças econômicas a produção industrial através da metalúrgica. Essa história de fortalecimento da economia surge dentro de uma história de décadas, por consequência, o negro também fez parte dessa construção exercendo as tarefas que necessitavam de maior esforço. “Cabia, portanto, aos negros operários, uma condição inferior aos demais trabalhadores, também em relação ao salário. Esses ‘recebiam 52% sobre o salário mínimo vigente’ [...]” (CAREGNATO, 2010, p. 44). Segundo Lazzarotto (1981), através dessa distinção trabalhista, percebe-se a relação de poder:

É expressivo o fato do primeiro negro ter sido fichado na empresa apenas nesta data. Este fato, mesmo que indiretamente, mostra a realidade que dominava. Um número significativo de pretos é visível em fotos da época, 1906 em diante, mas apesar de seu número ser elevado, eles terão que esperar até a II Guerra Mundial para ser oficialmente registrado o seu trabalho. Mesmo assim apenas alguns recebem esta distinção. E sua presença na empresa, através do fichário, foi sempre insignificante. No momento de ingresso na empresa, nunca superar 6% da leva de empregados que anualmente engrossavam as fileiras de operários (LAZZAROTTO, 1981, p. 90-91).

O fato é, que muitos foram os negros que mudaram para, ou nasceram em Caxias do Sul, e todos foram fundamentais para a construção da cidade. Através do

trabalho braçal ou até então numa posição social elevada, foram desassociados de seus papéis contribuintes na formação cultural de uma região. Dentro desses, um que merece destaque: José Cândido de Campos Júnior.

Dentre eles está o primeiro intendente eleito de Caxias, José Cândido de Campos Júnior, nomeado pelo presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, em 15 de setembro de 1895, que, além de ser maçom, era mulato. Em 24 de novembro de 1896, foi eleito por voto direto dos caxienses, sendo reeleito em 23 de setembro de 1900 (GIRON, 2009, p. 118.).

Enfatiza-se, com essa dicotomia histórica, que o negro foi de suma relevância na construção histórico-cultural de Caxias do Sul. Além de seus esforços em diferentes meios de trabalho, também estiveram em demais espaços somando no contexto étnico-plural da cidade. O que pode-se reiterar com isso são reflexos de um país com o maior tempo de um sistema escravista e uma estigmatização do negro através do racismo.

A raça, a racialização e o racismo são produzidos na dinâmica das relações sociais, compreendendo as suas implicações políticas, econômicas, culturais. É a dialética das relações sociais que promove a metamorfose da etnia em raça. A “raça” não é uma condição biológica como a etnia, mas uma condição social, psicossocial e cultural, criada, reiterada e desenvolvida na trama das relações sociais, envolvendo jogos de forças sociais e progressos de dominação e apropriação. Racionalizar uns e outros, pela classificação e hierarquização, revela-se inclusive uma técnica política, garantindo a articulação sistêmica em que se fundam as estruturas de poder. Racializar ou estigmatizar o “outro” e os “outros” é também politizar as relações cotidianas, recorrentes, em locais de trabalho, estudo e entretenimento, bloqueando relações, possibilidades de participação, inibindo aspirações, mutilando práxis humana, acentuando a alienação de uns e outros, indivíduos e coletividades (IANNI, 2004, p. 23).

A inexistência de autoestima, fadado ao sentimento de fracasso como ser humano. Sem relação afetiva-sexual que não fosse por consequência do estupro, uma alimentação inferior aos dos animais domésticos dos dias de hoje e quiçá os da época da escravatura, a recusa de banhos e higiene pessoal, a negação de direito à terra, de um trabalho remunerado dignamente, provavelmente justifica uma lacuna histórica social-econômica em relação aos brancos.

Nenhum povo que passasse por isso, como uma rotina de vida, através de séculos, sairia dela sem ficar marcado indelevelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto da nossa fúria (RIBEIRO, 2015 p. 91).

As ideias progressistas provincianas nas quais se baseavam a ideia de funções determinadas segundo a etnia entraram em declínio. É sabido que os interesses da elite econômica, social e academicista não era da inserção do negro como agente atuante. Entretanto, a força de um legado de sobrevivência em meio a tantas mortes, reflete hoje em uma maioria a qual vem se reinventando em passos lentos, de forma que os movimentos de empoderamento negro perante aos espaços, chega paulatinamente reescrevendo os livros de história.

Impotente e desorientado, vê o “preconceito de cor” insinuar-se pelos meandros das relações de classes, solapando ou diluindo suas aspirações mais construtivas de integração social e corrompendo o clima moral dos ajustamentos raciais. Em suma, descobre que “pertencer ao sistema”, “tornar-se gente” e “ser igual ao branco” são coisas distintas e que possuem muitas gradações. Como se fosse uma hidra, a desigualdade racial recupera-se a cada golpe que sofre (FERNANDES, 1978, p. 459).

Fica evidente que os negros foram prejudicados na construção do país, histórias compostas por chibatadas que se relacionam com o abismo social indicado por inúmeros índices hoje. Quando o desenvolvimento econômico é inserido numa política escravista, deixa de ser um desenvolvimento econômico para se tornar uma segregação que emolda a sociedade hoje. Nesse sentido, um reflexo histórico que resulta na exclusão social do negro, que é interpretado segundo concepções econômicas-sociais dos segmentos civis e também sobre quem escreve a história.

Se a história da imprensa no Brasil, Rio Grande do Sul e Caxias do Sul, que serão relacionadas no capítulo a seguir, andarem de encontro aos períodos tratados

sobre o negro, seu potencial de resposta sobre a inserção do negro na profissão se torna fundamental.

4 ASPECTOS DA HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL, RIO GRANDE DO SUL E CAXIAS DO SUL

O domínio às formas de comunicação, ao longo da história, sempre esteve aliado ao poder, e no Brasil não seria diferente. A história da comunicação, obviamente, anda de mãos dadas com a ideia de desenvolvimento de uma sociedade, e nesse mesmo decorrer de um desenvolvimento, o intuito de difundir ideias e informações de pessoas e determinados grupos.

A necessidade de registrar e transmitir informações de forma mais perdurável que a verbal, andou no sentido da formação de sociedades maiores e mais complexas. É explícito a forma com que a imprensa não só caminha junto da formação de uma sociedade civil, como também influencia comportamentos de quem não detém o capital para persuasão. Nesse sentido, o Brasil ainda sem tecnologia para a impressão de periódicos, recebe da Europa os seus primeiros jornais informativos. “Hipólito da Costa fundou, dirigiu e redigiu o *Correio Brasiliense*, em Londres, durante todo o tempo de vida do jornal”, (SODRÉ, 1999, p. 21). Para Martins e De Luca (2011), o jornal produzido em Londres tinha um viés mais subversivo, procurando ser acessível aos diferentes extratos sociais:

De fato, o *Correio Braziliense* surgiu em 1808. Opositorista e crítico, o periódico era feito na Inglaterra, mas discutia os problemas da Colônia e atravessava o oceano Atlântico para circular por aqui. Assim, no mesmo ano em que a Corte portuguesa transferiu-se para o Rio de Janeiro fugindo de Napoleão, o jornal idealizado e realizado por Hipólito da Costa, disponível a nobres e plebeus do Novo Mundo, estava longe de ser um beija-mão dos poderosos (MARTINS E DE LUCA, 2011, p. 7).

No mesmo ano do surgimento do *Correio Braziliense*, posteriormente surge a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Ambos os veículos carregavam entre si um antagonismo, onde o jornal produzido no exterior, não estava vulnerável às censuras das autoridades portuguesas, assim possibilitando publicar de forma mais independente. Diferente do jornal produzido em território na época colonial, onde existia censura nas informações disseminadas.

Como todos os órgãos do tipo joanino, na época do absolutismo, não se preocupava com isso mesmo porque não tinha que disputar a outros órgãos, de orientação antagônica, que não existiam, a preferência da leitura. O jornal de Hipólito, ao contrário, destinava-se a conquistar opiniões; esta era sua finalidade específica. Mensalmente, reunia em suas páginas o estudo das questões mais importantes que afetavam a Inglaterra, Portugal e o Brasil, questões velhas ou novas, umas já postas de há muito, outras emergindo com os acontecimentos (SODRÉ, 1999, p. 22).

A relação da imprensa com o poder e ao mesmo tempo com a censura, hoje é de fácil compreensão. O monopólio, o colonialismo e a burguesia ascendente no Brasil, assim como o processo de independência em outros países, entra em conflito. As forças de uma Portugal sem um rei presente em sua terra, a pressão dos demais países europeus que entram em processo de industrialização e as classes da burguesia brasileira, não se conversam política-economicamente, mas tem como principal ideia a Independência.

Para Sodré (1999, p. 49), “o movimento de 1820 teve consequências favoráveis. Foi em função delas que o processo da Independência prosseguiu, mudando a sua qualidade mas encontrando um mínimo de imprensa para nele fluir”. Nesse sentido de conflitos com a monarquia e colonialismo, os movimentos da imprensa em trazer as reivindicações através da difusão da informação, tem como resultado a censura e esforços de conter o processo de uma nova ideia de liberdade.

Em agosto deste último ano, o da Independência, não podendo vencer pelos argumentos, a prepotência utilizou o seu método normal, suprimindo violentamente o órgão nativista, por assalto militar de que deu notícia *O Espelho*, do Rio de Janeiro, com a seguinte nota: “*O Constitucional* era o único periódico que se atrevia a lançar em rosto àqueles tiranos sua arbitrariedade, sua injustiça, sua barbaridade. E que fizeram eles? Assanharam uma matilha de escritores venais, sem nome, sem luzes, tirados mesmo das filas, surgiram *Sentinelas*, *Analísadores* e tantos outros papéis, que fazem a vergonha da literatura, para escoltarem a *Idade de Ferro* e o *Semanário*. Mas isto ainda não aterrou o patriotismo dos redatores do *Constitucional*. Suscitam-se embaraços na tipografia, reduz-se a um terço o número de folhas, multiplicam-se as despesas. Assim mesmo continua aquele sisudo periódico. Assaltam-se muitas vezes as casas dos redatores, por toda parte se fazem ameaças; desamparam seus lares, mas sustentam a causa da pátria. É preciso lançar mão de procedimento mais iníquo, perseguindo, não já os escritores escudados pela lei, mas o mesmo impressor e os inocentes vendedores”. (SODRÉ, 1999. p.52).

Entretanto, casualmente ou não, com o ponto chave deste trabalho, a imprensa carrega como marca inicial de importância na sociedade, o período abolicionista. Surge um novo fôlego aos jornais para tornar as publicações mais relevantes ao povo brasileiro. A discussão sobre transpor um sistema econômico que se baseava no escravismo causa uma efervescência, onde os jornais se posicionam contra ou a favor da Abolição da Escravatura.

Para Martins e De Luca (2011), é a partir de Luiz Gama, André Rebouças, José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, Visconde do Rio Branco, Castro Alves, Joaquim Nabuco e Antonio Bento que surge uma nova ideia de jornalismo brasileiro. Profundo e primoroso, foi um período da imprensa que se misturava com a literatura, onde envolveu representantes da elite, da classe média, do funcionalismo público, a classe estudantil, personagens simbólicos do movimento negro e a esperança dos negros escravizados.

As sedes de jornais balizaram o trajeto dos cortejos comemorativos. As páginas de comemoração da Abolição da Escravatura, em 13 de maio de 1888 e aquela proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, permitem uma conclusão. A maior parte daquela história era tributária da imprensa, mobilizada e escrita nas páginas do jornalismo imperial, pontuando uma etapa marcante a história da imprensa no Brasil (MARTINS; DE LUCA, 2011, p. 78).

Sodré (1999) aponta o Estado e o capital comercial como as forças que dominavam a imprensa anterior à república. “[...] no conjunto que predominavam o Estado e o capital comercial, correspondendo aquele principalmente às forças pré-capitalistas ainda majoritárias no país” (SODRÉ, 1999, p. 278). Após esse período, inicia-se um novo processo da imprensa no Brasil. A Primeira República entre 1889 e 1930, propiciam à imprensa não só o foco político, mas uma abertura para então trabalhar as pautas em outros vieses que as impulsionariam economicamente.

A imprensa tornava-se grande empresa, otimizada pela conjuntura favorável, que encontrou no periodismo o ensaio ideal para novas relações no mercado do setor. Logo, aquela imprensa periódica resultou em segmento polivalente, de influência na otimização dos demais, isto é, da lavoura, comércio, indústria e finanças, posto que as informações, a propaganda e publicidade nela estampadas influenciavam aqueles circuitos, dependentes do impresso em suas variadas formas (MARTINS; DE LUCA, 2011, p. 78).

Para Martins e De Luca (2011), chegam momentos importantes para a imprensa brasileira no Século XX, em 1930, o período do governo provisório. Logo depois, a introdução do Estado Novo e, posteriormente, surge um inicial apoio dos grandes jornais ao golpe militar de 1964. Existia em torno da população brasileira analfabeta, tanto de escolaridade, quanto política, um discurso de anticorrupção.

Chateaubriand apoiou o golpe militar. Tanto que, ao lado do governador de São Paulo, Ademar de Barros, organizou a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” em 19 de março de 1964, prenúncio do golpe. Em 13 de junho de 1964, já na Ditadura Militar e sob o governo do marechal Castelo Branco (1964-1967), iniciou a campanha “Legionários da Democracia” (MARTINS; DE LUCA, 2011, p. 180).

Entretanto, com o desenvolvimento do regime militar ao passar dos anos, foi se instituindo a suspensão de direitos institucionais e civis. A relação entre os jornais e a ditadura resultava em torturas e prisões. “[...] o estrago que o pensamento único dos militares fazia à imprensa: censura, informação subliminar, prisão, tortura e morte de jornalistas” (MARTINS; DE LUCA, 2011, p. 203). Para Sodré (1999), quanto mais o jornal cresce economicamente, mais ele perde sua imparcialidade na informação:

A liberdade de imprensa, “como de resto qualquer outra concepção - escreveria um ensaísta - requer uma adaptação contínua às necessidades sociais emergentes, sob a pena de transformar na negação de si mesma e numa simples ideologia de dominação”. A imprensa, realmente, torna-se o contrário do que era, e particularmente do que deveria ser, na medida em que se desenvolve, na sociedade capitalista. O jornal é menos livre quanto maior como empresa (SODRÉ, 1999, p. 448).

No Rio Grande do Sul, a imprensa surge anos depois do primeiro impresso distribuído no Rio de Janeiro. “Com o aparecimento do ‘Diário de Porto Alegre’, a 1º de junho de 1827, é que começa a história da imprensa no Rio Grande do Sul” (BARRETO, 1986, p. 21). Assim como no restante do Brasil, os primeiros esboços de imprensa andam junto da insatisfação em relação ao regime monárquico. O descontentamento das diferentes classes livres aumentava assim como os tributos à época (SILVA; CLEMENTE; BARBOSA, 1986).

Com o surgimento então da imprensa gaúcha, as pautas de maior destaque no período inicial, ainda foram as referentes a Guerra dos Farrapos. Onde, obviamente, a relação de poder entre jornal e elite se fez presente com um viés de direcionar uma ideia persuasiva. Como apontam Silva, Clemente e Barbosa (1986, p. 19):

O jornalismo gaúcho, como em outros locais, também se iniciou político e doutrinário. São poucos os jornais que não se posicionam com relação à Revolução Farroupilha. Embora com tendências diferentes - que redundaram em múltiplos periódicos - há basicamente duas atitudes adotadas não só pelos órgãos divulgadores, mas também pela população em geral: favorável ou contrária à Revolução Farroupilha. Por isto, se tornam importantes os órgãos legalistas, por servirem de esteio às polêmicas levantadas.

Para Alves (2002), no sentido da imprensa abolicionista em âmbito nacional, os jornais gaúchos também procuraram retratar as informações da época. Os aspectos retratados foram de um avanço para o país, uma etapa nova em que o Brasil se inseriu e com destaque ao fato de ter sido uma conquista pacífica, onde não foi necessário derramar sangue.

Assim, o abolicionismo e a abolição foram encarados pela imprensa rio-grandina como uma etapa a ser vencida no país, em nome da “civilização”, do “progresso”, da “humanidade”, da “justiça” e do “patriotismo” e na direção de vencer “anacronismo” daquela atividade, colocando-o no rol das “nações civilizadas” (ALVES, 2002, p. 13).

Foi em 15 de outubro de 1897 que surge o primeiro jornal da região de Caxias do Sul: *O Caxiense, defensor das colonias italianas e orgam republicano*. Segundo Pozenato e Giron (2004), esse surgimento tem como consequência da cidade da Serra Gaúcha conquistar sua emancipação política, avançar em desenvolvimento e, unir ao fator que também contava com o maquinário de tipografia, fator determinante para a execução de um jornal.

A montagem de uma oficina não exigia grande capital, relativamente fácil de levantar entre a classe política. A tecnologia era primitiva, podendo-se editar um jornal com velhos prelos de madeira, movidos manualmente, em material tipográfico de segunda mão, comprado no Rio de Janeiro (RÜDIGER, 1993, p.15-16).

Segundo Ancarini (1983), O Caxiense tinha um viés político e republicano, não atendia a ideia dos imigrantes italianos que estavam distantes de se interessarem pelos conflitos e avanços políticos nacionais. Contrapondo a ideia de um editorial político, surge no ano posterior o Il Colono Italiano, com um intuito voltado para o catolicismo.

Caxias é um dos poucos municípios da zona colonial que contam com uma tipografia e um jornal local. Por mais de uma vez iniciou-se a publicação de periódicos italianos ou brasileiros, que tiveram sempre curta duração, por falta de número suficiente de assinantes. Foi o que aconteceu em 1897 com um pequeno jornal semanal, O Caxiense, e em 1898 com um jornal clerical bimensal, escrito em italiano, intitulado Il Colono Italiano (ANCARINI, 1983, p. 58).

Nos primeiros períodos de imprensa em Caxias do Sul, as linhas editoriais eram divididas entre a Igreja Católica e político-partidária. O catolicismo se fez presente de forma destacada, por ser uma região onde prevalecia a cultura italiana em detrimento às outras etnias, e essa mesma está ligada a um dos berços católicos mais tradicionais. E político-partidária pela ligação da imprensa com as relações de poder e o capital financeiro, assim como nos demais territórios brasileiros.

No período compreendido entre 1897 e 1945, circularam 75 jornais na região das antigas colônias. Tal número revela tanto o interesse pelas notícias e geral quanto o interesse político que movia seus habitantes. A concentração dos periódicos em Caxias demonstra que nesse município reuniu-se um grupo altamente politizado e, ainda, que havia dinheiro e meios para a elaboração de jornais (POZENATO; GIRON, 2004, p. 84).

O período das décadas de 1930 e 1940 teve uma configuração diferente para a imprensa caxiense. No momento em que se assumia um governo provisório, com um discurso de nacionalismo e implementação do Estado Novo, dentro desses mesmos decênios, o Brasil também entra na Segunda Guerra Mundial. Ao lado dos Estados Unidos, rompendo aliança com o Eixo, onde compunha a Alemanha, o Japão e a terra natal dos imigrantes, a Itália. Segundo Pozenato e Giron (2004), foi o momento em que a imprensa se beneficiava do capital provido pelo governo, a imprensa caxiense se dividia:

Os 11 jornais políticos tinham suas tendências declaradas: dois (18,8%) diziam-se fascistas; seis (54,54%) eram favoráveis a Vargas; um (9,09%) era integralista; outro (9,09%) municipalista e um outro (9,09%), comunista. Não é de se estranhar, pois, que o debate político se centralizasse em Caxias, onde surgiram jornais mais agressivos politicamente. Com o passar do tempo, as posições políticas se acentuaram devido à implantação do Estado Novo (1937-1945). A tensão nacional repercutiu nessa região, habitada por muitos estrangeiros (POZENATO; GIRON, 2004, p. 91).

O novo sentido político-econômico brasileiro proporcionou avanços expressivos no jornalismo. “Com a Revolução de 1964, profundas mudanças ocorreram na região, com o governo militar investindo como nenhum outro na industrialização” (POZENATO; GIRON, 2004, p. 131). Posterior a isso, com as Diretas Já, e o surgimento de nossa carta magna, a Constituição Federal de 1988, a sociedade como um todo exige mudanças no que diz respeito à educação e a imprensa. Contudo, surge um novo conceito de imprensa, não ligada exclusivamente a partidos políticos.

Tal mudança atesta de forma categórica que os jornais deixaram de ser meramente instrumentos políticos e tornaram-se empresas organizadas, conseguindo o número suficiente de assinantes e de anunciantes para sua manutenção. No período compreendido entre 1946 e 1964 manteve-se a hegemonia de Caxias do Sul, com 58% dos jornais que então foram criados. A duração dos jornais volta a ser curta. Cerca de 41% do total duraram menos de um ano, e dos 24 periódicos então existentes apenas dois deles permanecem até 2002. Nos períodos mais recentes, a situação dos jornais não apresenta mudanças significativas. Caxias do Sul continua centralizando não só a população como a criação de jornais. Apesar da manutenção dos vínculos políticos entre a imprensa e a política, mais de 50% dos periódicos se afirmam como noticiosos e independentes (POZENATO; GIRON, 2004, p. 173).

4.1 DADOS QUANTITATIVOS DE JORNALISTAS NEGROS EM CAXIAS DO SUL

Seguindo da base teórica apresentada na historicidade do negro no capítulo anterior e a historicidade da imprensa neste respectivo capítulo, foi realizado o levantamento da inserção do negro na graduação em jornalismo da Universidade de Caxias do Sul e dos jornalistas negros na Rádio Caxias, por serem duas instituições de oferta e serviço no ramo de comunicação e, de mais tempo em atuação na cidade de Caxias do Sul.

É importante a observação neste trabalho que, a ideia inicial na disciplina de Monografia I, onde apresenta-se o projeto para a posterior realização em campo das propostas, que não foi obtido os dados de quantos e quais os profissionais atuaram como jornalistas no Jornal Pioneiro, como sugerido. O motivo justificado por meio do veículo, foi não possuir tais dados com precisão.

A Universidade de Caxias do Sul é a primeira instituição de ensino superior da cidade e também a que mais tempo oferta a graduação em jornalismo na região. Dentro dos seus mais de 25 anos formando jornalistas, surge como potencial indicador a ideia de traçar quantos desses alunos graduados nesse período são negros, correlacionando com a profissão.

Através da própria instituição de ensino foi possível fazer um levantamento quantitativo de quantos alunos formaram-se em jornalismo. Os dados obtidos foram posteriormente investigados através das seguintes ferramentas: a) Arquivo Histórico Municipal da Câmara Municipal de Vereadores de Caxias do Sul, sendo o maior acervo da imprensa caxiense com mais de um milhão de folhas catalogadas; b) a plataforma da rede social Facebook, onde foi possível identificar os jornalistas; c) e o Google, identificando a atual residência e vínculo trabalhista do egresso, quando o mesmo ainda estando em vida.

A relação nominal dos formandos no curso de jornalismo segue desde a primeira turma de graduados em 1 de julho de 1995 à 28 de fevereiro de 2018. No sentido desse levantamento, já se formaram pela Universidade de Caxias do Sul, com habilitação em jornalismo, 608 alunos. De toda a lista foram identificados menos de 2% do total de acesso da população negra no curso de jornalismo.

Fundada em 27 de abril de 1946, a Rádio Caxias é o veículo de comunicação mais antigo ainda em atuação na cidade. Nos seus mais de 70 anos de mercado, já transmitiu incontáveis informações e também foi responsável pela construção profissional de inúmeros jornalistas. Nesse sentido, a instituição se torna de suma importância para entender a inserção do negro na profissão jornalismo em Caxias do Sul.

Por meio do livro Rádio Caxias 70 anos: voz e identidade, do autor Marcos Fernando Kirst (2017), foi possível identificar os profissionais que atuaram com o jornalismo desde a fundação da rádio, até o respectivo ano de lançamento. Os

dados obtidos dos jornalistas foram analisados através do Memorial Rádio Caxias, pertencente ao próprio veículo.

A relação nominal dos profissionais que atuaram como jornalistas na rádio, inicia desde a data de sua fundação em 27 de abril de 1946 a setembro de 2017. Os dados obtidos foram de 89 jornalistas que têm ou já tiveram vínculo trabalhista com o veículo de comunicação, e desse número, apenas um jornalista negro foi identificado, representando 0,89% do total de inserção de jornalistas negros.

O único jornalista da Rádio Caxias, Osvaldo de Assis, merece destaque por ter sido o primeiro jornalista negro já identificado em Caxias do Sul. Trabalhou nas duas primeiras décadas do veículo, contrariando uma ideia étnica-cultural de homogeneidade de descendentes de imigrantes italianos, também sendo um transmissor e formador de opinião.

Conhecido como “A Voz de Veludo”, Assis era uma das principais estrelas dos primórdios da Rádio Caxias, encantando os ouvintes com o timbre de sua voz de partidas esportivas, mas também interpretando personagens nas radionovelas, que prendiam a atenção das famílias em casa, junto aos aparelhos de rádio, naqueles anos dourados (KIRSTEN, 2017, p. 110).

É de uma importância inenarrável citar Osvaldo de Assis, mesmo não podendo hoje, ter sua contribuição para essa produção acadêmica. E também apontar dados gritantes como os recém citados, para que se possa então dar segmento a história oral e autobiografias dos jornalistas negros.

5 ASPECTOS DA HISTÓRIA ORAL E AUTOBIOGRAFIA

Dentro deste capítulo é impossível iniciar uma ideia que flua para as histórias orais e autobiográficas a seguir, sem citar os mestres griôs. É por meio de suas histórias orais que se tem outra perspectiva sobre o negro, diferente das retratadas nos livros de história. São de difícil comprovação para produções que sejam consideradas relevantes, assim como para este texto, e demais referenciais teóricos exigidos na academia, mas são através deles que se mantêm as tradições africanas e afro-brasileiras vivas.

Contar é ritualizar. É dar voz ao ancestral. É abrir o corpo para o sagrado. É compactuar com a visão mágica. Palavra lapidada na boca do velho griô é palavra fulgurante. Joia de mil brilhos. Pedra multifacetada. Ele tem muitos corpos: feiticeiro, bicho, caçador, sacerdote, rei, bruxo, chefe, guerreiro. O mundo começa na sua palavra. Dançar o céu, o mar, o rio, a nuvem, a sombra. Cantar os velhos ensinamentos. Narrar a natureza, o clã, a aldeia, os símbolos, a floresta, a savana, o deserto. Seu itinerário é reforçar laços. Ordenar o mundo. Perfumar a memória. Virar história (SILVA, 2013, p. 2).

A história oral tem papel fundamental no que diz respeito a passar de forma transgeracional a cultura e costumes de um povo. Transmitir os ensinamentos de geração em geração, o que os constitui como ser, para que seja reelaborado por quem absorve e levado adiante. Nesse sentido, é de papel fundamental construir dentro de um capítulo apontamentos de como esses agentes foram de suma importância para o que se entende hoje como história oral.

O objetivo maior é contribuir para não deixar que se percam aspectos dessa trajetória e trazer à luz dados pelas vias da oralidade. Trata-se, portanto, de contar a história do ponto de vista do excluído. Para além disso, o cerne deste relato é a oralidade. Só a partir da geração de meu avô Ulisses, neto de Mejjã, alguns descendentes conseguiram o letramento. Assim mesmo, isso não interferiu no modo de narrar típico daquela família. Tudo era processado apenas pelo sistema boca-ouvidos. A condição de descendentes de africanos já determinava que aquelas pessoas tomassem a oralidade também como veículo para transmitir a memória (PÓVOAS, 2012, p. 45).

Uma das questões mais marcantes da história oral é a possibilidade de reconstruir o passado. A fixação da tradição oral, mesmo com a mudança da condição social dos griôs, tempos outrora na África, hoje no Brasil, não os desprestigiam como portadores de tradição. Segundo Pereira (2015), a história em si não é imutável e impermeável em nossas memórias. Com essa ideia os líderes negros antigos, contavam para o maior número de sucessores que pudessem. “[...] pois cada vez que se juntassem para os devidos rituais, repetiram as histórias e um complementar as memórias do outro” (PEREIRA, 2015, p. 33). Segundo Silva (2013), os ensinamentos transmitidos pelos griôs são uma importante forma de perpetuar uma cultura:

Os griôs, os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar e participar, são os artesãos da palavra. São os que trabalham a palavra, burilam, dão forma, possuem essa especialidade de transformar a palavra em objeto artístico. Há registros da atuação desses artistas desde o século XIV, onde já atuavam no Império Mali. São eles os mantenedores da tradição oral africana, nos últimos setecentos anos, sem dúvida. De fato, a arte verbal dos griôs é tão antiga quanto a mais antiga das cidades da África Ocidental e as pesquisas arqueológicas podem nos fazer crer que tal arte já era mesmo praticada, na África, antes de Cristo (SILVA, 2013, p. 3).

A história oral é um conceito, hoje, entendido como uma forma acadêmica de metodologia. Ela se aplica no processo qualitativo de pesquisa para fundamentar histórias de espaços, grupos étnicos e também distribuição socioeconômica. “Entendida como metodologia, a história oral remete a uma dimensão técnica e uma dimensão teórica” (FERREIRA; AMADO, 2005, p. vii).

É por meio da história que as pessoas comuns procuram compreender as mudanças no mundo e as que passam em suas vidas. Seja o que levou cada espaço geográfico se configurar como é, como também o que levou a sua própria inserção em determinadas situações econômicas, culturais e sociais. De forma mais particular, é através das histórias orais das famílias, onde se tem um sentimento de pertencimento mais duradouro, onde a existência de seus antecessores, a sua existência e de seus sucessores, transpassam sua própria morte. “Mais do que uma simples mudança de perspectiva, isto representa a construção de um novo objeto de

análise e uma concepção de língua e de texto, agora vistos como um *conjunto de práticas sociais*" (MARCUSCHI, 2003, p. 15).

As histórias e experiências de vida das pessoas, independente de uma ascensão social a qual possibilita ou não um poder político-econômico, reelabora os elementos da história. As histórias orais, os relatos autobiográficos proporcionam uma ideia de reescrever ideias impostas. Essas mesmas trazendo um contraponto muitas vezes de situações nas quais não foram investigadas profundamente, ou então buscaram interesse apenas de quem detinha o capital-econômico, como já foi exemplificado no capítulo anterior sobre a história da imprensa.

[...] os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito de que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados. A fronteira do mundo acadêmico já não são mais os volumes tão manuseados do velho catálogo bibliográfico. Os historiadores orais podem pensar agora como se eles próprios fossem editores: imaginar qual a evidência de que precisam, ir procurá-la e obtê-la (THOMPSON, 2002, p. 25).

Nesse sentido, este trabalho procura evidenciar também através da história oral e as autobiografias a ausência do negro na profissão jornalismo. É importante ressaltar que, a história foi, e ainda é, consequência da percepção humana, e a percepção humana por consequência, é subjetiva. Assim, se justifica a nova ideia da produção em trabalhar com essas autobiografias e a partir delas romper alguns paradigmas.

A originalidade da "situação" antropológica descrita por Merleau-Ponty é recortar um "sujeito" não como princípio das coisas, muito menos de um mundo "condicionado" o sujeito, mas: um sujeito *no meio das coisas*. Este sujeito não distingue incessantemente de novo (sem, de resto, "separá-lo" dele); mas ele tem sua origem "por detrás" dele. Determinação capital para *o olhar, desde já olhado*, fixado de um ponto de mundo antes mesmo de tê-lo delimitado (ASSOUN, 1999, p. 94).

A importância das entrevistas tem como ideia principal retratar e justificar um cenário do jornalista negro em Caxias do Sul através de suas trajetórias. Para Queiroz (1991), gravar as lembranças dos profissionais, se torna a forma mais

adequada, pois é através do gravador que se permite transcrever uma autobiografia com precisão. “[...] este mecanismo permite apanhar com fidelidade os monólogos dos informantes, ou o diálogo entre informante e pesquisador, guardando-os em seguida por longo tempo, isto é, por todo o tempo em que a fita se mantiver intacta” (QUEIROZ, 1991, p. 56). Dentro dessa ideia é importante não só ouvir e gravar suas histórias de vida, como também saber discernir o jornalista do jornalismo. Como relata Beatrice Webb¹ (1920 apud THOMPSON, 2002, p. 256):

Interrogar rigorosamente um inspetor de fábrica sem saber distinguir entre uma fábrica e uma oficina (...) constitui uma impertinência. É especialmente importante ter familiaridade com termos técnicos e com seu uso correto. Começar a entrevistar qualquer especialista sem ter esse domínio não apenas será uma perda de tempo, como também pode levar a um encerramento mais ou menos polido da entrevista, depois de algumas observações gerais e algumas opiniões banais (...) Pois os termos técnicos (...) são ferramentas importantes para fazer com que surjam na consciência e na expressão os fatos ou série de fatos mais obscuros e incomuns; e precisamente esses eventos mais ocultos é que são necessários para completar a análise descritiva e para a verificação de hipóteses.

Para Thompson (2002, p. 303-304), há três modos nos quais a histórias orais podem ser construídas: a primeira é a narrativa da história de uma única vida. No caso de um informante dotado de memória excepcional, pode parecer que nenhuma outra lhe fará plena justiça ao material; a segunda forma é uma coletânea de narrativas. Uma vez que pode ser que nenhuma delas seja, isoladamente, tão rica ou completa como narrativa única, esse é um modo melhor de apresentar um material de história de vida típico; e a terceira é a da análise cruzada: a evidência oral é tratada como fonte de informações a partir da qual se organiza um texto expositivo. Naturalmente, é possível, num mesmo livro, associar a análise com a apresentação de histórias de vida integrais.

Partindo dessa ideia de análise cruzada, onde neste trabalho se procurou trazer diferentes dados e embasamentos teóricos de períodos históricos que, conversassem com as autobiografias a seguir, a ideia é correlacionar o todo. Trazendo uma síntese, um denominador comum e a comprovação para a *Trajétoria*

¹ WEBB, Beatrice. **My Apprenticeship**, 1920.

de Jornalistas Negros em Caxias do Sul, e seus pequenos números de inserção de profissionais negros no jornalismo caxiense.

Na verdade, histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados, passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, se definem em função de informações, indicações, esclarecimentos, escritos ou registrados, que levam a elucidações de determinadas questões e funcionam também como provas (QUEIROZ, 1991, p. 95).

Portanto, com a ideia de que as histórias orais, através de suas autobiografias, são sim, formas de comprovação documental e até histórica, podemos relacionar com as entrevistas realizadas com Eliseu de Brito Evangelista, Porthus Afonso Xavier de Brito Junior e Jânio Luis de Medeiros.

5.1 INTRODUÇÃO ÀS AUTOBIOGRAFIAS

Nos períodos iniciais de cada história, antes mesmo de chegar nas carreiras de jornalismo, os entrevistados compartilham famílias paternas e maternas negras, que não herdaram nada.

As histórias dos entrevistados são um reflexo homogêneo de negros que procuram de alguma forma fazer uma curva na estatística, ainda na época anterior ao surgimento de políticas públicas afirmativas de cotas, que podem ser chamadas de uma tentativa de ressarcimento. Os três jornalistas carregam consigo suas unicidades, natural da subjetividade de cada ser humano. Entretanto, acabam percorrendo caminhos mais longos para ter o reconhecimento de um trabalho exercido igualmente aos colegas das demais etnias.

Os relatos autobiográficos, desde o primeiro momento, expressam em suas atitudes, sotaque e comportamento, características típicas de um negro em terra de brancos. A simplicidade na vestimenta, os narizes largos, os lábios grossos, cabelo curto – por escolha ou pelo cabelo crespo não ser aceito, não podendo-se afirmar – e uma pele escura como o poema *Magia Negra*, de autoria de Sérgio Vaz (2012):

Magia negra era o Pelé jogando, Cartola compondo, Milton cantando.
Magia negra é o poema de Castro Alves, o samba de jovelina...
Magia negra é Djavan, Emicida, Mano Brow, Thalma de Freitas,

Simonal. Magia negra é Drogba, Fela kuti, Jam. Magia negra é dona Edith recitando no Sarau da Cooperifa. Carolina de Jesus é pura magia negra. Garrincha tinha 2 pernas mágicas e negras James Brow. Milton Santos é pura magia. Não posso ouvir a palavra magia negra que me transformo num dragão. Michael Jackson e Jordan é magia negra. Cafu, Milton Gonçalves, Dona Ivone Lara, Jeferson De, Robinho, Daiane dos Santos é magia negra. Fabiana Cozza, Machado de Assis, James Baldwin, Alice Walker, Nelson Mandela, Tupac, isso é o que chamo de magia negra. Magia negra é Malcon X. Martin Luther King, Mussum, Zumbi, João Antônio, Candeia e Paulinho da Viola. Usain Bolt, Elza Soares, Sarah Vaughan, Billy Holliday e Nina Simone é magia mais do que negra. Eu faço magia negra quando danço Fundo de quintal e Bob Marley. Cruz e Souza, Zózimo, Spike Lee, tudo é magia negra neles. Umoja, Espirito de Zumbi, Afro Koteban... É mestre Bimba, é Vai-Vai é Mangueira todas as escolas transformando quartas-feira de cinza em alegria de primeira. Magia negra é Sabotage, MV Bill, Anderson Silva e Solano trindade. Pepetela, Ondjaki, Ana Paula Taveres, João Mello... Magia negra. Magia negra são os brancos que são solidários na luta contra o racismo. Magia negra é o RAP, O Samba, o Blues, o Rock, Hip Hop de Africabambaataa. Magia negra é magia que não acaba mais. É isso e mais um monte de coisa que é magia negra. O resto é feitiço racista.

Mesmo negros e a profissão jornalista em comum, Eliseu de Brito Evangelista, Porthus Afonso Xavier de Brito Junior e Jânio Luiz Rosa de Medeiros mostram diferenças em como enxergam suas trajetórias e ascensão profissional.

Nesse sentido, é interessante observar nas autobiografias a seguir, os discursos carregados das experiências de cada um, e como as atuações típicas no jornalismo em suas áreas específicas acompanha a leitura de si mesmos em relação a suas carreiras como jornalistas.

5.1.1 Eliseu de Brito Evangelista

Eu nasci em Porto Alegre, mas vim morar em Caxias do Sul ainda com três anos, então da minha infância na capital não tenho lembranças. Em Caxias, o primeiro bairro que morei foi o Kayser, na zona sul da cidade, posteriormente o Bela Vista e o Cruzeiro, comunidades vizinhas da zona leste.

Meu pai era técnico em refrigeração, consertava geladeiras, freezers e outros eletrodomésticos se preciso fosse também. Minha mãe era dona de casa, à ela era atribuído educar e manter o nosso lar em ordem. Sobre os meus avós, deles

não tenho lembranças de profissão, nem muitas de relação, mas pelo pouco que ouvi, eram do interior, deviam trabalhar na roça.

Quando morei no Kayser, ainda era uma criança pequena, de lá só lembranças de brincar. No bairro Cruzeiro comecei a estudar na Escola Estadual Província de Mendonza, depois transitei para a Escola Estadual Aquilino Zatti, e por fim, concluí meu ensino médio na também estadual, Henrique Emílio Meyer.

Na mesma época do segundo grau, que hoje chamam de ensino médio, eu também estudava no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o SENAI, onde me formei em tornearia mecânica em 1976 e fui trabalhar em 1977 na antiga Metalúrgica Abramo Eberle, no setor do controle de qualidade.

No ano de 1980, eu passei no vestibular da Universidade de Caxias do Sul, e comecei direcionar minha vida para a engenharia mecânica, fiz o vestibular e fui aprovado. Naquele tempo eu trabalhava durante o dia, e as aulas também eram no mesmo período, então eu pedi transferência para o turno da noite. No noturno não trabalhava mais no controle de qualidade, mas como torneiro mecânico, nesse processo de adaptação, na metade do ano o expediente da noite fechou e com ele se foi meu emprego.

Na minha trajetória acadêmica optei por não continuar na engenharia e, em 1983, troquei para o curso de educação física, onde acabei me formando. O jornalismo na minha vida começou de forma casual, desde pequeno eu gostava de ler, meus pais iam na casa dos amigos, enquanto conversavam, eu ficava lendo livros de contos de fadas, contos de Grimm, contos de Andersen, umas histórias antigas, acho que isso me ajudou em ter uma certa facilidade com o português.

Já era quase final do ano de 1980, e eu estava desempregado, saindo de uma disciplina da engenharia quando eu vi um cartaz, “Jornal Pioneiro, se você gosta de português e entende, venha falar conosco”. Então eu fui até o jornal, ver como era a vaga de emprego.

Cheguei lá, me deram uma folha com um texto e pediram para corrigir, colocar a devida acentuação, vírgula, separar os parágrafos. No mesmo momento corrigiram a minha correção (risos) e falaram que eu tinha condição de trabalhar. Era um teste para revisor. Comecei na labuta no mesmo dia, lembro que minha mãe ficou surpresa por ter conseguido o emprego, era para ter chegado em casa por volta das 7 da noite, e cheguei às 11. Um fato que nos dias de hoje é impensável,

atualmente se participa de um teste, demora semanas e até meses para ser chamado.

Na época em que cursei o ensino superior eu ajudava nas contas de casa e só conseguia estudar porque tinha o Crédito Educativo, o mesmo formato do Financiamento Estudantil, o FIES. Foi quando em 1983, já não estava mais gostando da engenharia, dos cálculos e senti que a matemática não era minha principal qualidade, então mudei para educação física, afinal adoro esporte. E também tive muita sorte, a moeda do país na época mudou algumas vezes, então o dia em que cheguei pra pagar, os funcionários não sabiam fazer os reajustes das trocas de moeda, e acabei pagando um valor simbólico similar a um mês de mensalidade.

De 1980 a 1989, eu trabalhei de revisor no Pioneiro, e nesse mesmo período, o jornalista Paulo Cancian abriu um jornal diário chamado Folha de Hoje. Naquele tempo vários colegas do Pioneiro começaram a migrar para a Folha, os jornalistas jogavam bolas aos sábados, eu estava jogando com eles e intuitivamente pensei que o Cancian também iria me convidar. Justamente naquele mesmo sábado ele me convidou: “quer trabalhar comigo?”. Eu o respondi no ato: “eu topo!”. Foi a contratação mais rápida na história do jornalismo caxiense (risos).

O Cancian disse que eu poderia ficar no Pioneiro o quanto eu quisesse, então acabei ficando uns 15 dias trabalhando em ambos os veículos ao mesmo tempo. Acho que até hoje é um caso inédito entre um funcionário e dois jornais concorrentes.

Uns dois meses depois de estar na Folha de Hoje, estava cansado de ser revisor, então tive uma chance de trabalhar com o Gilberto Mendes, meu grande amigo Gilberto. A partir daquele momento comecei a escrever, e na Folha tive a oportunidade de aliar meu gosto por escrita, com o meu outro gosto por esporte, dando início as pautas esportivas em minha vida.

Sobre ter mais colegas negros, eu lembro do Neri de Almeida, ele trabalhava como fotógrafo e tinha iniciado como laboratorista do Pioneiro, e da mesma forma que eu, foi para a Folha buscando espaço para trabalhar em campo. Ah, lembro que naquela época também conhecia o Jânio Medeiros, mas eram os únicos.

Minha afirmação como jornalista eu acredito que foi pelos meus méritos. Comecei a escrever, o pessoal gostou da forma com que tratava meus textos com

coesão e coerência, a partir desse ponto a profissão foi fluindo. Não tinha planejamento de chegar a algum lugar. Iniciei minha carreira de repórter na Folha de Hoje, então começaram a enxugar o grupo, vieram as demissões dos colegas, assumi como editor, mas já estava se encaminhando para fechar. Quando eu entrei tinham cinco editores, quando eu fui promovido éramos apenas três na editoria. Lá fui também colunista até início de 1994, quando fechou o jornal.

No ano de 1994, fiquei um período desempregado até próximo do final do ano. Foi aí que comecei a produzir pautas como freelancer para um jornal de Farroupilha e outro de São Marcos. Em abril de 1995, o Pioneiro me chamou para voltar, fiquei três meses na experiência e fui efetivado no dia seis de agosto do mesmo ano. Quando voltei ao Pioneiro, trabalhava na editoria geral como subeditor, mas eles sabiam que eu queria mais, então um ano depois eu assumi as pautas esportivas, aquelas que faziam brilhar os meus olhos.

O meio do esporte envolve paixões, você trabalha com torcedores extremos em lados opostos, então tem de se buscar um equilíbrio. Existem comentaristas que adotam uma posição, eu optei em minha trajetória pela neutralidade. Tive a sensibilidade de perceber a crítica chegando fácil até mim, e realmente alguns pontos deveriam ter sido feitos de forma diferente, mas não é apenas o resultado final, são as condições nas quais eu atuava.

Não sei ao certo se foi sorte, mas no meu trabalho sempre fui bem recebido, e não acredito que seja por minha simpatia, entretanto, pelos veículos de comunicação em que eu atuava. Se você trabalha num veículo forte, você é forte. Alguns profissionais confundem, sentem-se melhores do que os outros, mas a instituição quem traz essa força; somos apenas instrumentos. Tenho consciência em que os lugares onde eu ia trabalhar, as pessoas me respeitavam pelo jornal que estava representando, não por mim como indivíduo.

Hoje estou aposentado prestando algumas assessorias. Analisando minha carreira, eu tive um pouco de sorte. Nunca tive planejamento e também não tinha grandes ambições. O principal é que me orgulho de não ter passado por cima de ninguém.

5.1.2 Porthus Afonso Xavier de Brito Junior

Nasci em São Francisco de Paula, mas de lá não tenho recordações. Meu pai passou em um concurso de tabelião, um cargo de oficial público responsável por preparar, autenticar documentos e escrituras públicas. Então com quatro meses de vida, vim morar em Farroupilha.

O meu avô paterno, João Adão Brito, era o único motorista de táxi de São Francisco de Paula. Então ele levava o dono do cinema da cidade para Porto Alegre comprar os filmes e, no meio dessas idas e vindas o nome do meu pai se tornou Porthus e do meu tio Athos. Meu avô João, gostava muito de ler, ele era uma pessoa culta dentro do contexto em que ele vivia. Por parte da minha mãe, meu bisavô era escravo, não falava português, era da região dos Campos de Cima da Serra, da cidade de Vacaria. Minha mãe me contou que um certo dia ela pediu à minha avó, a mãe dela: “Mãe, por que você é branca e tua irmã é negra?”. Existia muito o estupro dos senhores de escravos com as escravas, por isso aquela miscigenação.

Minha família de ambos os lados sempre procurou estudar, foram atrás de ensino. Por parte da família da minha mãe, não só ela como mais um tio e uma tia minha também se tornaram professores. Na parte do meu pai, não é diferente, é uma família inteligente, além do meu pai tabelião, uma das irmãs dele também foi professora. Tudo isso graças a minha avó paterna, que trabalhava como faxineira para pagar os estudos deles.

Meu pai morreu em 1987, eu tinha 13 anos. Naquele tempo eu era um aficionado por gibis, eu adorava ler as histórias em quadrinhos. Minha mãe ficou viúva e com quatro filhos, eu de 13 anos, uma irmã de 14 anos, um irmão de 15 anos e a mais velha de 16 anos. No meio disso tudo, minha mãe ainda estava acabando os estudos. Ao contrário do que as pessoas próximas a nós pensavam por saber que meu pai era tabelião, minha mãe nunca teve pensão, ele tinha sido exonerado do cargo ainda antes de morrer.

Minha paixão por gibis era um bem supérfluo, minha mãe não podia comprar, então decidi procurar emprego. Na época ninguém queria me dar uma oportunidade de trabalho porque eu carregava o nome do meu pai. Diziam que eu devia seguir o caminho do meu pai e também ser tabelião. Eu pensava comigo mesmo que até podia um dia ser tabelião, mas não com 13 anos (risos).

O cargo para primeiro emprego em Farroupilha era na grande maioria empacotador de supermercado, mas não me aceitaram. Depois de algumas

tentativas eu consegui um emprego de entregador do Jornal de Farroupilha e, que também conciliava com meus estudos que eram no período da tarde.

Sempre estudei em escola pública, como minha mãe era professora, ela teve cuidado para que eu e meus irmãos não estudássemos na mesma escola que ela dava aula. Iniciei meus estudos na Escola Estadual de 1º Grau São Pio X e posteriormente ela me transferiu para o Colégio Estadual São Tiago, onde terminei meu ensino médio e me formei técnico de contabilidade, no ano de 1991.

Em 1988 comecei entregando jornal, logo depois me convidaram para ser office boy e comecei a trabalhar dentro do jornal. A partir desse momento, comecei a me relacionar com o pessoal da redação, trabalhando com o fotolito, que na época era a matriz de gravar as chapas do jornal para ser impresso. Depois de um período comecei os exercícios com os químicos, revelação de química para papel fotográfico. Toda essa transição foi um processo rápido e tive a oportunidade de começar a auxiliar o fotógrafo do jornal, Alexandre Corá.

Em abril de 1991 meu chefe chegou e me deu o recado: “agora tu vai ser fotógrafo”. A forma com que disse, foi como a expressão: toma que o filho é teu. A partir daquele momento eu ia ter que me virar, e no mesmo ano eu me formaria técnico de contabilidade.

Desde aquele momento, houve um divisor de águas na minha vida. Eu gostava de matemática, mas vinha faltando as aulas do último ano para poder dar segmento no jornal. Então em abril eu virei fotógrafo e, dia 16 de maio de 1991, estava cobrindo minha primeira festa de Caravaggio em Farroupilha.

Nesse mesmo dia, encontrei o Gilmar Gomes, o editor de fotos do Jornal Pioneiro, que me convidou para trabalhar com ele. Naquele momento refleti que eu havia começado com fotografia em abril, estávamos apenas em maio, pensei que a responsabilidade era muito grande e eu poderia fazer algo errado. Agradei o convite, falei que ainda não estava pronto, mas quem sabe no futuro voltaríamos a conversar.

O tempo foi passando, eu fui adquirindo mais prática, e nisso tudo entra um dos problemas dos veículos pequenos, você não é promovido e sim, acumula funções. Eu continuei fazendo as tarefas de diagramação, o material do fotolito, as fotografias e aliado a tudo isso, tinha meus estudos.

Com isso, quando chegou próximo ao mês de agosto, começou a pesar as múltiplas responsabilidades, começou prejudicar meus estudos e resolvi entrar em contato com Gilmar Gomes. No mesmo momento ele disse que tinha uma vaga, era pra eu ir ao Pioneiro para conversarmos.

No final de agosto conversei com o Gomes, numa sexta-feira, 2 de setembro de 1991, comecei a trabalhar no Jornal Pioneiro. Um fato curioso foi que minha troca de veículo veio uma semana antes do Jornal Farroupilha se tornar bissetimanal. Saí de um jornal que eu trabalhava a semana toda com diferentes funções, e iniciei uma rotina onde eu apenas fazia revelação de filmes, mesmo sendo um jornal diário.

Eu estava feliz, cheguei preparado e com a promessa de abrir uma vaga na fotografia. Pena que ela nunca surgiu e o Pioneiro passava por dificuldades financeiras. Até que em 1993, ele é comprado pelo grupo RBS. Nesse momento foi uma euforia, não por fazer parte do grupo que pertencia a Globo, mas porque íamos receber o salário em dia.

No dia 1 de janeiro de 1994, fui efetivado como fotógrafo, consegui meu registro de jornalista em 1996, e iniciei a universidade em 1997. Minha trajetória acadêmica demorou porque eu cursava poucas disciplinas, na etapa final do curso, a RBS começou a pagar a metade dos meus estudos, então pude acelerar. No início do benefício eu fui preterido, assim como em outros aspectos. Até que chegou um determinado momento que sobrou a bolsa e o Porthus, então pensaram: “ah, vamos dar a bolsa pra ele”. O auxílio para os estudos a partir de 2002 pode impulsionar minha vida acadêmica e me formei jornalista em 2004, pela Universidade de Caxias do Sul.

A minha família de ambos os lados foi de pessoas inteligentes, quem não avançou mais, foi porque não quis. Eu não tinha uma boa relação com meus irmãos, e por ser o caçula eu não vivi a fase do dinheiro de quando meu pai era vivo. Nós éramos uma das únicas famílias de negros em Farroupilha, pelo que lembro da minha infância. A segunda família negra a morar na cidade foi a do segurança, seu Pedro.

Meus irmãos iam para a escola e as pessoas passavam os dedos neles pra ver se saía tinta. Minha irmã mais velha era mais sensível às atitudes dos colegas, até o dia em que meu pai disse à ela: “pede para os teus colegas, se algum deles tem uma caravan (um carro de luxo na época)”. Infelizmente, minha irmã ficou com

essa ideia subjetiva de que tínhamos dinheiro e éramos poderosos. De tal maneira que, quando eu comecei entregar jornal, eu levava para os pais dos colegas dos meus irmãos, e eles detestavam meu trabalho.

Quando eu terminei o segundo grau, em 1991, minha ideia era começar o curso superior, mas eu precisava da ajuda de minha mãe, e isso causou conflito com os meus irmãos. Então optei por não receber ajuda da minha mãe, por isso essa pausa de 1991 à 1998. Independente do tempo longe das classes, eu sentia a necessidade da vida acadêmica, tanto que quando iniciei a universidade eu já era fotógrafo, mas a zona de conforto não me agrada.

Fui o único filho da minha mãe a ingressar na universidade, todos meus irmãos eram inteligentes, mas optaram por outras escolhas. Minha irmã mais velha nos dias de hoje voltou para a sala de aula. Está procurando uma formação de ensino superior e diz pra mim ser difícil, mas tivemos as mesmas oportunidades, só aproveitamos elas de formas diferentes. A escolha do meu trabalho com 13 anos, influenciou no que sou hoje; como minha família viajava bastante, a maioria dos momentos familiares eu abdiquei por conta do trabalho.

Meus familiares continuaram frequentando minha casa por pouco tempo após a morte do meu pai. Ele tinha o hábito de ostentar, por ser um homem negro tabelião, queria mostrar a vida boa que levava. Logo depois que ele morreu, todos pensaram que minha mãe ia ganhar pensão e as comemorações também iam seguir. Como ela não tinha condições de manter o padrão de vida que tínhamos, de pouco em pouco essa união foi se diluindo.

Eu me vejo mais parecido com minha mãe, por ter os pés no chão, mas tenho a determinação e ambição do meu pai de querer alcançar uma posição de destaque. Hoje eu sou o editor de fotografia do Jornal Pioneiro, eu sofri para chegar nesse cargo e, tudo que eu passei eu poderia descarregar nos outros, dar ordens, mas eu não sou assim, eu me sinto por essência como mais um fotógrafo na equipe, não como um editor.

Quando falo que meu caminho foi árduo, ele de fato foi. Na época em que iniciei no Pioneiro as fotos eram preto e branco, e quando a RBS comprou o jornal, passou a ter cromo. Nesse processo de capacitação, ao invés de eu ir para a Zero Hora aprender, mandaram um colega que não exercia minha função para

capacitação e depois me ajudar na utilização do cromo, sendo que eu era o responsável pelo laboratório.

A ideia de terceirizar o treinamento não deu certo e um funcionário do jornal de Porto Alegre teve de vir à Caxias do Sul me orientar. No dia da sua chegada, ele me questionou o porquê eu não fui à capital, mas eu não tinha essa resposta e de lá ficou apenas um mistério.

Foi uma época ruim para mim, eu tinha que ficar até 11 da noite de todos os dias para fechar o jornal normal, e depois até uma da manhã para aprender sobre o jornal novo, como se trabalhava com o negativo do cromo. Nesse tempo, quem me levava para casa era o motorista do Industrial, mas antes ele largava todos os funcionários em suas casas e como eu morava em Farroupilha, acabava sendo o último. Chegava em casa por volta das quatro da manhã, para seis ou sete, já estar de pé e começar o jornal novamente.

Em 1994, me tornei fotógrafo e o jornal mudou mais uma vez, do cromo para o negativo cromo e com essa mudança todo o jornal seria colorido. Naquele tempo, a dedicação era praticamente exclusiva ao trabalho, porque era um jornal regional, o slogan era, “diário de integração regional”. Com essa nova transição do colorido eu tive de aprender a fotografar novamente, ele se tornou mais revistado.

Anteriormente ao novo período, era ir, fazer a foto, e não se preocupar com luz. Os hábitos eram de tal forma, que ao ir à delegacia, se fotografava todo mundo, depois se via quem era o culpado. Não existiam as fiscalizações dos direitos humanos e demais organizações.

No ano de 2004, fui promovido ao cargo de editor de fotografia, com a responsabilidade da transição do analógico para o digital. Nesse momento, a universidade foi fundamental para que eu pudesse passar por todos esses processos e me adaptar de forma mais tranquila. Além disso, a união da prática do cotidiano com a vida acadêmica me possibilitou lecionar mais tarde com praticidade e dinâmica. Em contrapartida ao processo de digitalização, deixou de existir um laboratório de fotografia no Jornal Pioneiro, e perdemos uma parcela significativa de colegas que foram demitidos.

Eu nunca senti o racismo diretamente contra mim, não lembro de um caso específico, e se houve alguma fala, provavelmente eu respondi na hora. E também acredito que não vivi isso, porque logo com 13 anos comecei a trabalhar no jornal, e

trabalhando num veículo de comunicação as pessoas não te desrespeitam, não porque de fato gostem de você, mas pelo receio de repercutir suas atitudes.

Minha vida foi dentro do jornalismo, sempre aliam meu nome aos veículos da imprensa em que trabalhei ou o que eu trabalho. Não vejo isso como positivo, porque sou um indivíduo, as instituições são apenas lugares onde prestei e presto serviço. Hoje eu não sei como vai ser quando eu sair do Pioneiro, porque as pessoas têm dificuldade de desassociar. Da mesma forma quando eu vou para os interiores da região, e as famílias dessas comunidades sabem quem eu sou pelo meu pai ter feito as escrituras das casas delas.

Já para a minha mãe, o racismo chegou, a vivência dela com a cidade de Farroupilha foi diferente. Quando ela ia comprar algum produto em um estabelecimento, olhavam com estranheza e distanciamento. Quando descobriam que ela era esposa do Brito, a forma com que chamavam meu pai, o tratamento mudava repentinamente. Entretanto, ela nunca aceitou esse respeito seletivo, sempre exigiu ser tratada bem por ser uma pessoa como qualquer outra.

Quando o Pioneiro foi comprado pela RBS em 1993, nós tínhamos três colunistas, João Pulita, Paulo Garjoni e a Verali Sartor. Na época, foi realizado um evento no Clube Juvenil, e houve a apresentação do novo diretor, Luís Fernando Zanini. Fui fotografar o evento, quando chegando lá fui impedido. Uma senhora me disse que eu não poderia entrar, tampouco fotografar, pois ela já tinha o fotógrafo para o evento. Naquele momento eu respondi: “eu acho que a senhora não entendeu, se não tiver foto minha no jornal, não vai ter de ninguém”. Foi o único momento da minha trajetória, que eu achei no mínimo estranho como me trataram. No mais, são eventualidades da profissão, como ir numa invasão ou ocupação e os nervos estarem aflorados, as pessoas te xingam, mas eu sei que o motivo é a tensão, não propriamente eu.

O fato de trabalhar de fotógrafo não só do Pioneiro, mas estar vinculado à RBS, pesa na forma de tratamento das pessoas. Hoje, em qualquer ato de protesto, seja ele de posicionamento político de esquerda ou direita, se recebe mais xingamentos do que antigamente, de uma geração mais conservadora. E os xingamentos não são racistas, mas pela vinculação trabalhista, a forma de tratamento até sobre a minha vida pessoal machuca bastante, não existe um bom senso.

Por conta desses acontecimentos, quando eu vou dar aula, faço questão de deixar claro que sou fotógrafo da RBS, mas estou naquele ambiente para falar de foto boa. Fotojornalismo bem feito pode ser na RBS, Correio do Povo, Estadão, Mídia Ninja ou em qualquer outro veículo. Não é o mensageiro, e sim a mensagem.

A maioria das dificuldades que passei no Jornal Pioneiro não foi por questão de racismo, foi por questão de caráter, e caráter não têm cor. Fui alçado ao cargo de editor de foto em 2004 porque o antigo editor saiu, fiquei dois anos pedindo para repor aquela vaga. Cada vez que eu pedia para abrir o processo seletivo, existia uma pessoa que me respondia que, enquanto uma terceira pessoa não estivesse disponível, não seria aberta a vaga novamente.

Chegou o dia em que essa terceira pessoa voltou e nem mesmo era formada em jornalismo. Foi nesse momento que, o editor chefe promoveu um colega a uma função igual a minha. Criou um cargo novo para que essa terceira pessoa estivesse exercendo uma função hierárquica acima da minha, e eu ficasse subordinado a ele.

Era mais fácil na época terem me demitido, do que ficar pisando em mim. Por isso eu digo que caráter não tem cor. Reconheço que fui covarde e deveria ter saído. Entretanto, eu gosto tanto do jornalismo, não abriria mão do que gosto por uma determinada pessoa.

Sempre fui uma pessoa extrovertida, com o tempo acabei me tornando mais fechado, mais ranzinza no trabalho. Acho que essa é a parte chata da trajetória. Tudo aquilo que passei de ruim, procuro não fazer com os profissionais que estão começando.

5.1.3 Jânio Luiz Rosa de Medeiros

Sou natural da Serra Gaúcha, mais especificamente de Canela. Depois do meu nascimento, os meus pais foram para Bom Jesus e ficamos por lá em torno de dois anos. Viemos para Caxias do Sul a partir dos meus três anos de idade. Minha mãe era doméstica e meu pai foi tropeiro no interior, em Bom Jesus, São Francisco de Paula e Canela. Depois vindo para Caxias, como todo negro que sai do interior e vai para uma cidade maior, fui ser pedreiro em construção civil.

Lembrar sobre os meus avós é difícil, porque essa história é contada oralmente. O meu avô materno era filho de escravo e, eu acho, que na infância e adolescência dele era escravo também, trabalhava com fazendeiros, era um peão. Tinha uma área de terra que ele plantava, a terra ainda existe e os filhos mais novos dele ainda moram por lá. A minha avó materna morreu muito cedo, trabalhava na roça e fazia trabalho de casa, cuidava dos filhos.

A minha avó paterna era costureira e o meu avô paterno eu não sei, não tive contato. E infelizmente não se vai além disso, não se sabe além dos avós. Depois que se adquire consciência, dá uma certa angústia, porque começamos a nos perguntar: “de onde é que eu vim mesmo?”.

Quanto a minha formação, comecei estudando o fundamental na escola municipal Fioravante Webber, no bairro Pioneiro. Depois disso, por incrível que pareça, sempre procurei escola pública. Entretanto, na turma da minha geração, não sei porquê cargas d’água, as escolas públicas da época, Cristóvão de Mendoza e Santa Catarina eram muito concorridas, então não consegui vaga. Por não conseguir vaga, comecei a trabalhar e não queria deixar de estudar. Consegui uma bolsa de 50% na escola particular La Salle e utilizava o meu salário para pagar a outra metade dos estudos. Foi assim que terminei o ensino médio.

Trabalhava com o que aparecesse, trabalhei dos 14 aos 16 anos como lavador de carro em posto de combustível, na época era uma oportunidade de trabalho que surgia cedo. Depois trabalhei como pintor de residências até próximo dos meus 18 anos, e assim foi a forma com que paguei meus estudos.

Sendo um negro em uma escola particular, minha relação era no mínimo diferente, primeiro pela minha cor; era um pingão mais escuro em meio de toda uma galera branca de olhos azuis. Mas foi tranquilo, até porque a escola La Salle tinha um cunho, digamos assim, mais social. Por essa condição não aparecia a discriminação, pelo menos não de forma explícita. Os professores tratavam a todos bem, não se notava essa diferenciação. E também eu era um trabalhador estudante desde os 14 anos, isso despertava uma certa admiração por parte deles.

Em relação ao jornalismo, sou da geração que não tinha a oferta da graduação em Caxias do Sul nos anos 1980 e início dos anos 1990. O pessoal de rádio era considerado radialista e depois com o tempo já podia se considerar jornalista. Existia uma licença da Delegacia Regional do Trabalho, do Ministério do

Trabalho, em que os profissionais que atuavam na área da comunicação podiam conseguir o registro de jornalista. Então todos os jornalistas da cidade, com raríssimas exceções, eram radialistas e, por consequência, tornaram-se jornalistas.

Meu primeiro emprego em veículo de comunicação foi na antiga TV Caxias, como office boy, como eu já tinha estudado um pouco e já tinha o ensino médio, consegui essa vaga. Depois da TV Caxias passei um período no exército e quando saí entrei para Rádio São Francisco.

Aprendi a trabalhar no jornalismo com o Paulo Cancian. Ele foi um dos primeiros que me abriu portas para a profissão, no início da década de 80. Na época trabalhava como operador de rádio na Rádio São Francisco, já estava pretendendo cursar o ensino superior, foi então que o Paulo me propôs começar a produzir para a redação da São Francisco. Na mesma hora eu aceitei, eu não queria ficar apenas apertando botão. Me transferi para a redação e fazia o chamado “Cop Desk”, exercia a função de ouvir as notícias e transcrever para uma lauda, isso em tempos de máquina de escrever.

Após um tempo de prática com a redação, comecei a sair para a rua com um gravador na mão, aqueles que tínhamos naquele tempo, parecia um tijolo. Nesse momento, comecei a sentir as dificuldades de ser um negro num veículo de comunicação. Estar em campo, produzir matérias e sentir uma certa resistência.

‘Na minha vivência profissional e também pessoal tive que ir meio empurrando as portas, não era essa coisa - oi, tudo bem? -, era necessário se impor, chegar chegando. Primeiro porque eu era um profissional da comunicação, estava ali para representar um veículo e não a mim mesmo, também por ser iniciante tinha que construir a credibilidade, e acredito ser assim até hoje. Foi assim que fui me forjando na profissão.

Toda essa estrutura de relação, de construir credibilidade com os entrevistados, acredito que partiu muito do que me identifico. Minha bagagem cultural por ser filho de operários, ou seja, de pais pobres, me puxou ideologicamente para um lado social do jornalismo. Foi onde minha relação com os entrevistados se aproximou dos movimentos sociais, sindicatos e associações de bairros.

Era década de 80, reabertura política, então eu me aproximei desse pessoal que, de alguma forma eu pertencia. O trabalho foi se tornando mais fácil pelos

movimentos sociais precisarem desse espaço nos veículos para ter voz. Tanto que, depois de estar trabalhando desde 1980 na São Francisco, em 1989 o Paulo Cancian abriu a Folha de Hoje, e novamente me deu a oportunidade de trabalhar junto dele. Na época me disse que a responsabilidade das pautas sobre movimentos sociais era comigo.

Na minha transição para a Folha, além de estar mais seguro, tinha a novidade de ser um jornal impresso. Estava acostumado a escrever dez linhas e no impresso eu tinha de escrever meia página, uma inteira ou até mais. Então essa foi minha dificuldade operacional, digamos assim, mas do ponto de vista de fontes já foi mais tranquilo. A partir do momento que eu saí da emissora, é porque estavam me enxergando.

Tive a oportunidade de mostrar uma outra forma de trabalho que construí com minha credibilidade, mesmo que sabendo que ela era parcial, porque era o lado do movimento sindical, social e comunitário. De qualquer forma, foi dessa forma que ganhei crédito para posteriormente transitar na Câmara de Indústria e Comércio, a CIC, na universidade e em outros lugares privilegiados.

Como o segmento era geral no jornal, tinha que transitar por todos os extratos sociais, embora não dava certo algumas vezes. Numa ligação para solicitar uma entrevista com uma fonte que não te conhecia, não podia ir mole. Sempre trouxe comigo o argumento que a declaração não era pra mim, nem pra emissora, e sim, para a comunidade. Meu escudo sempre foi, além da credibilidade de um trabalho sério construído, o veículo. A partir do momento que você sai do veículo, perde um pouco da força, independente dos nuances próprios de conduzir a entrevista.

A oferta do curso de jornalismo começou a partir dos anos 90 em Caxias do Sul, e quando fui estudar eu já estava no mercado, era quase um veterano no meio, assim como outros colegas que encontrei dentro da sala de aula. Todos na mesma situação, eram práticos licenciados, vamos dizer assim, e foram buscar a formação no ensino superior como forma de reconhecimento pelo ponto de vista acadêmico e também pela fiscalização rigorosa do Sindicato dos Jornalistas, o qual infelizmente nos dias de hoje perdeu o valor do diploma.

Naquele tempo, na década de 80 e 90, o sindicato atuava com força, havia uma cobrança para com os veículos e os veículos para conosco. Acabei indo para

as classes da academia não só por esses motivos, mas também por conta de agregar credibilidade e reconhecimento como um profissional negro.

Paralelamente à Folha de Hoje, trabalhava na Rádio Caxias, ambos faziam parte do mesmo grupo, e exerci essa dupla jornada durante um ano e alguns meses. Era interessante porque na Folha eu produzia conteúdo de forma geral, e na Caxias eu produzia pautas de viés político e cobria a Câmara Municipal de Vereadores. Nessa etapa encontrei algumas dificuldades porque os servidores municipais já sabiam o cunho em que eu trabalhava.

Em 1989, fiquei responsável por cobrir a vinda à Caxias do Sul do candidato que depois se tornara presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello. Era a primeira eleição presidencial depois do regime da ditadura e, eu como militante do movimento social na imprensa, jornalista engajado, abracei a candidatura do Lula.

A partir desse momento se desenrola uma história. No dia do comício do Collor em Caxias, já se sabia através da imprensa que haveria algum problema. Na capital Porto Alegre já havia ocorrido, por onde o ex-presidente passava e encontrava o pessoal da esquerda, acabava em problema.

Com isso, os veículos de comunicação se prepararam: fotógrafos, cinegrafistas, repórteres, todos prontos na praça Dante Alighieri desde as primeiras horas da tarde. Naquele momento eu prestando serviço para a rádio, fui cobrir a chegada do Collor no aeroporto.

Ao desembarcar e entrar no saguão, souberam de uma confusão que havia ocorrido no pré-comício. Então o seu assessor, Chiareli, chegou perto do então candidato do PMDB, e lhe disse que havia acontecido um quebra-pau, assim o orientou a culpabilizar a esquerda. Entretanto, eu estava ao lado deles para cobrir a coletiva e acabei ouvindo. Collor veio para a entrevista e reproduziu exatamente as orientações de seu assessor. No momento que entrei no ar depois da entrevista, trouxe à público o que ouvi da conversa do assessor e candidato.

No outro dia, as rádios me procuraram pra me entrevistar e depois também a assessoria da campanha do Lula. Gravaram a entrevista comigo e foi ao ar no programa nacional do candidato do PT. A partir daquele momento, o bicho pegou na política da cidade. Imagina só, eu cobria política, era final de outubro, segundo turno, saiu matéria até na Folha de São Paulo. O vereador da campanha do Collor, José Eneir Dias Benfica veio à tribuna da Câmara e me detonou, disse que eu era

militante do PT, era parte da imprensa marrom e me ofendeu do ponto de vista racista.

Naquele momento eu já havia feito toda a matéria, mas eu disse aos meus colegas que alguém deveria produzir a pauta, porque passei a ser a vítima. Na época, a editora do jornal, e hoje, colunista política do Jornal Pioneiro, Rosilene Pozza, produziu a matéria e eu entrei na justiça contra o vereador. O meu advogado era o Régis Prestes, frente de esquerda do PDT, e entramos com um processo de injúria racial. Ao término do período de campanha em que o Collor saiu vitorioso, o vereador me pediu desculpas e acabamos encerrando o processo.

Depois do período eleitoral, senti que o clima não ficou legal pra mim, eu tinha que continuar trabalhando, sustentando fonte, produzindo matérias. Porém, tinha passado por todo esse rolo e, por fim, o Lula não venceu. Então pensei comigo mesmo - vou ter que sair de cena um pouco, sair do jornal -, e fiquei afastado dos veículos de comunicação por seis anos.

A partir de 1991, trabalhei num órgão público da Prefeitura de Caxias do Sul, hoje se chama Fundação de Assistência Social, a FAS, mas na época era Comissão Municipal de Amparo à Infância, a COMAI. Trabalhei como educador social, nesse tempo deixei abaixar a poeira, e inaugurou o jornal O Sul e, lá mesmo que fui trabalhar, mas no período de um ano o jornal fechou as portas.

Fui contratado pelo Claudio Tomaz para trabalhar no Jornal Pioneiro, justamente em 1996, o ano em que o Pepe Vargas do PT, se candidatava à prefeito pela segunda vez, e confesso que até hoje não sei porque o jornal me colocou para cobrir a eleição. Trabalhei o ano inteiro no Pioneiro, do início de 1996 à início de 1997, e nesse tempo recebi mais crítica da esquerda, do que da direita.

Na época me contrataram para fazer matéria política e acredito que também pela forma com que repercuti em 1989. Com isso, quando tinha de acompanhar o candidato eu falava com meu colega, Rafael Martini, para ele cobrir o Pepe, o representante da esquerda, e eu cobria o Germano Rigotto do PMDB, representante da direita. Ou a gente trocava, ou a gente trocava (risos).

Em 2000 fui trabalhar na Universidade de Caxias do Sul onde fiquei até 2011. Produzi conteúdo para Rádio UCS FM, e posteriormente produzindo conteúdo para UCS TV. Por conta da instituição ter um viés educativo e alternativo, precisavam de um negro no vídeo. Trabalhar na rádio foi tranquilo, mas a televisão

foi desafiadora, eu produzi reportagens, apresentei programas, fiquei lá por um tempo e até hoje não aprendi (risos).

No ano de 2011, com a minha saída dos veículos de comunicação da universidade, fui trabalhar de fato com assessoria de imprensa, algo que eu já estava trabalhando e me preparando para o mercado no turno inverso da UCS. Afinal o jornalismo é como jogar futebol, você vai indo aos poucos, vai se preparando e evoluindo, estabiliza a carreira e depois se prepara para sair dos campos.

Então comecei construir uma carreira de assessoria de imprensa, e curiosamente onde eu fui me estabelecer? Nos sindicatos, lógico! Sei que isso aconteceu por toda a minha trajetória e posicionamento. Comecei a apresentar projetos e não demorou para aparecer o Sindicato dos Comerciários, depois foi aparecendo outro e outro, e até hoje, mesmo aposentado, presto assessoria sindical, afinal um dinheirinho a mais, sempre é bem-vindo.

5.2 O QUE DIZEM AS ENTREVISTAS AUTOBIOGRÁFICAS?

A passagem da carreira de cada jornalista negro sugere no mínimo um cenário semelhante. Em suas trajetórias, os comunicadores enxergam o veículo como sua principal força e, parecendo conceber que o respeito adquirido, grande parte vem dessa posição de ascensão profissional. Posteriormente, fazendo o balanço de suas trajetórias e sugerindo alguns caminhos que possivelmente poderiam ter traçado ou não.

À medida que as histórias se conversam, fica evidente também como a área na qual os entrevistados atuam dentro do jornalismo, determina como cada um percebe sua trajetória. Os momentos de racismo sofrido ou não e, ao que se deve sua ascensão social. Os entrevistados, Eliseu e Porthus, atuam com fotografia e esporte, se abstendo de discussões políticas, sociais e raciais em suas carreiras como profissionais. Entretanto, Jânio teve a responsabilidade de trazer a perspectiva do proletariado, por consequência disso ou não, acabou ao longo de sua trajetória e entrevista autobiográfica, apontando mais atos discriminatórios por conta de sua cor.

6 ANÁLISE

O levantamento teórico proporcionou a base necessária para iniciar a etapa de análises. Ficou claro que todos os elementos que compõem as dificuldades de acesso dos negros à profissão jornalismo é resultado de uma história de segregação, construída com a finalidade de distanciar a ascensão social. Os contextos presentes acerca da população negra têm finalidade de etnocídio em diferentes vieses, não só do corpo como matéria orgânica.

A demanda de um desenvolvimento do país em uma economia já não escravista, ao longo do tempo, foi obrigada a ser fomentada pelo Estado e pela burguesia. Assim, valendo-se da política de imigração europeia para distribuição de terras e trabalho, o afrobrasileiro não pode se desenvolver aos mesmos passos que as demais etnias.

Para averiguar tal simbiose, profissão jornalismo e população negra, esta etapa de investigação analisou a inserção do negro na universidade, mercado de trabalho e autobiografias. A opção para tal escolha tem base em três pontos: primeiro, o estudo retrata o negro em Caxias do Sul, região geográfica e cultural na qual estou inserido enquanto pesquisador negro. Assim, de forma positiva ou não, as questões subjetivas são percebidas em um nível maior de profundidade. Segundo, porque o jornalismo é a profissão na qual estou me graduando e também acredito ser uma ferramenta de potencial mudança nas estruturas vigentes. Por último, o motivo que levou a escolha do objeto de pesquisa, é justamente o fato de que a conclusão do estudo difere de uma ideia central cultural atrelada ao senso comum, possibilitando ampliar a discussão sobre a globalização da comunicação.

A técnica de análise proposta por Thompson (2002), Minayo (2002) e Queiroz (1991) durante a construção da pesquisa, propõe ao pesquisador fazer da história oral, autobiografia e métodos de pesquisa social um documento. Enquanto o primeiro passo objetiva uma explanação mais geral, os relatos autobiográficos buscam levantar com mais detalhes um panorama geral das trajetórias de negros no jornalismo caxiense, indispensáveis para a compreensão total do cenário, indispensáveis para a compreensão da inserção profissional da população negra. Com base nas informações que as historicidades da população negra e imprensa forneceram, a análise a partir da história oral é fundamental para responder à

questão norteadora, “quais os motivos de tão pouca participação do negro não só no jornalismo, mas em profissões que exigem nível maior de escolaridade”.

Foram constituídos três eixos fundamentais para a construção de uma análise potencial dos jornalistas negros. O primeiro eixo diz respeito aos aspectos da história do negro brasileiro, gaúcho e caxiense; o segundo eixo volta-se para aos aspectos da história da imprensa brasileira, gaúcha e caxiense; e o terceiro busca uma construção de aspectos da história oral e autobiografia. A partir da junção destes três pontos foi verificado se houve ou não a criação de uma estrutura vigente, enquanto impedimento de ascensão social-econômica negra.

6.1 O QUE DIZEM OS DADOS?

Os dados coletados demonstram que existe uma discrepância na inserção do negro na profissão jornalismo. Foram dentro deste período praticamente inexpressivas – no sentido de porcentagem em relação ao todo – a participação do negro na universidade graduando-se em jornalismo e atuando no mercado caxiense como jornalista.

Apesar da ideia de democratização da informação, no entanto, pode-se notar que a profissão jornalismo ainda faz parte de um abismo social à questão do negro. Cabe dividir o olhar sobre a relação jornalismo e população negra em dois campos: as de caráter puramente técnico e as de interpretação histórica e subjetiva. As de caráter técnico são as pesquisas realizadas neste estudo, que por si só já despertam para a problemática da exclusão do negro, mas também os resume a números. As que aqui são classificadas de histórica e subjetiva são as autobiografias, nas quais acompanham a trajetória de profissionais negros no jornalismo.

Conforme Minayo (2002), isso pode ser explicado pela raiz do desejo de pesquisa. “Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação” (MINAYO, 2002, p. 14). No caso das autobiografias analisadas, destaca-se a correlação entre Jânio, Eliseu e Porthus de serem oriundos de famílias pobres, justamente no sentido de não haver heranças de capitâneas.

Para Queiroz (1991), há na construção das análises autobiográficas, uma tendência a se escolher um “centro” na entrevista. Esse centro é fruto, principalmente, da rotina da produção acadêmica. De fato, no contexto das autobiografias analisadas, os jornalistas negros são tratados como o centro. As suas histórias de vida, o vínculo familiar que determina suas condições econômicas e as experiências como jornalistas passam a ser um agente norteador deste estudo. Para a autora, a fidelidade à autobiografia é essencial:

Cada história de vida e depoimento pessoal é encarado assim como um documento, cujo valor de transmissão de informações ou de demonstração residisse na conservação da maioria dos detalhes, como se não fosse possível compreendê-lo senão conservando-o em forma monolítica (QUEIROZ, 1991, p. 92).

O raciocínio da autora explica, por exemplo, porque foi abordado as autobiografias na primeira pessoa. Nas entrevistas dos jornalistas negros, a ideia foi não interferir na essência de suas histórias. Um dos indicadores para essa não intervenção nas fontes é a conservação de suas trajetórias, que acabam sendo o centro deste estudo.

No final das contas, porém, não existe nada que substitua uma transcrição completa. Até mesmo a melhor versão resumida mais parece anotações de um historiador inteligente extraídas de um arquivo do que os documentos originais. E, ainda mais, o historiador não pode saber hoje que perguntas serão feitas pelos historiadores futuros, de modo que qualquer seleção que faça resultará na perda de detalhes que posteriormente podem se mostrar significativos (THOMPSON, 2002, p. 293).

Outro fator que merece atenção é que, as ideias sobre si como jornalistas negros se correlacionam e também se diferem. No sentido da correlação, os entrevistados abordam suas trajetórias como fruto de luta e mérito de perseverança. Entretanto, no que os diferem, Porthus e Eliseu não entendem suas dificuldades e barreiras como determinantes de sua pele negra, ao contrário de Jânio que faz apontamentos verticais sobre como o racismo é uma barreira a mais para um jornalista negro. Para Minayo (2002), uma das características fundamentais para o estudo social e a percepção do espaço é a consciência do entrevistado em relação ao seu próprio contexto histórico:

Noutras palavras, não é apenas o investigador, que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade a suas ações e suas construções, na medida em que as estruturas sociais nada mais são que ações objetivas. O nível de consciência histórica das Ciências Sociais está referenciado ao nível de consciência histórica social (MINAYO, 2002, p. 14).

Para Thompson (2002, p. 329-330), as próprias autobiografias contribuem para a manutenção da ideologia dominante da seguinte forma: a) em primeiro lugar, indicam a existência de um equívoco básico na dinâmica da mudança social; b) por trás disso encontram-se as contradições mais profundas da organização econômica e política as quais, às vezes abertamente, às vezes inconscientemente, elas expressam; c) a mudança de padrões de milhões de decisões conscientes dessa espécie possui tanta ou mais importância para a mudança social quanto às ações dos políticos que constituem habitualmente a substância da história.

Diante do exposto pelo autor, alguns questionamentos acerca das entrevistas ajudam a esclarecer as leituras de suas trajetórias. Nas autobiografias de Porthus e Eliseu, as falas envolvem apenas méritos pessoais ou os meios em que estão inseridos? Na correlação, o destaque está nos méritos pessoais. Em nenhum momento, os meios inseridos e a possibilidade de estudar é mencionado, sendo que o acesso ao ensino é fundamental. Na entrevista de Jânio, percebe-se uma maior contextualização acerca das oportunidades através dos meios inseridos. A oportunidade de estudar é mencionada, sua relação de estudante trabalhador como determinante na formação de sua consciência.

Para esse trabalho, nesse momento, das observações trazidas por Thompson (2002), a que mais interessa é a segunda delas. Encontram-se as contradições mais profundas da organização econômica e política as quais, às vezes abertamente, às vezes inconscientemente, elas expressam? Em todas as entrevistas, as trajetórias apontam essas contradições, consciente ou inconscientemente.

A construção da trajetória profissional como jornalistas de Eliseu e Porthus passam pelo viés esportivo e fotográfico, os quais não interferem na formação de opinião com as relações de poder explicitamente. Exemplo disso é a ideia de uma

total imparcialidade, de lidar com um material bem feito e não marcar posição em nenhum momento em relação a pauta.

No caso de Jânio, o viés dentro do jornalismo em que trabalhou foi o político. Na sua trajetória, mesmo não sendo filiado a um partido específico, adotou um posicionamento de produção de pautas que se identificava como indivíduo. Relaciona-se através disso o momento em que é discriminado por um político caxiense.

Em todos os casos, as autobiografias tratam das trajetórias de jornalistas negros em suas vidas pessoais e principalmente suas relações com a profissão. A maioria das pessoas provavelmente conhece uma pessoa negra que enfrentou dificuldades e ascendeu profissionalmente. A questão que se coloca aqui, são novamente os jornalistas negros: qual o acesso da população negra ao ensino e a profissão jornalismo em Caxias do Sul? Para Caregnato (2010), os dados apresentados de pouca inserção do negro nesses espaços privilegiados em Caxias, já vem sendo instituídos a décadas:

Em Caxias do Sul, as pessoas que compuseram os espaços de sub-habitações, principalmente os negros, no caso do Burgo e da Vila do Cemitério, encontravam-se em posição subordinada, num espaço identitário e étnico, que relegava sua cultura e etnia a um plano secundário. Sua localização de forma ilegal, em espaços específicos, que abrigavam pessoas com poucas condições, fez com que a inserção e a participação em espaços de cultura, lazer e esportes tradicionais de Caxias do Sul fossem praticamente nulas. Para isso, criaram-se nesses locais espaços que serviam como instrumentos de sociabilidade e resgate identitário (CAREGNATO, 2010, p. 52).

O que Caxias do Sul fez, ao sobrepor a cultura, economia e espaços sociais dos imigrantes italianos e seus descendentes em detrimento da população negra, foi transformar a história do município em um retrato homogêneo, como se o negro fosse inexistente.

[...] história da comunidade negra é marcada pela estigmatização de seus territórios na cidade: se, no mundo escravocrata, devir negro era sinônimo de subumanidade e barbárie, na República do trabalho livre, negro virou marca de marginalidade. O estigma foi formulado a partir de um discurso etnocêntrico e de uma prática repressiva; do olhar vigilante do senhor na senzala ao pânico do sanitarista em visita ao cortiço; do registro esquadrinhador do planejador urbano à

violência das viaturas policiais nas velas e favelas. Para a cidade, território marginal é território perigoso, porque é daí, desse espaço definido por quem lá mora como desorganizado, promíscuo e imoral, que pode nascer uma força disruptora sem limite (ROLNIK, 1989, p. 16-17).

O que cabe destacar, no sentido de diferenciação entre Porthus e Eliseu para Jânio, é o entendimento da inserção do negro, o tratamento como profissional nos espaços. O relato autobiográfico de Jânio é mais contundente na questão racial que o dos demais entrevistados. Esse relato relaciona-se quando comparado aos números extremamente baixos de jornalistas negros, de uma consciência diretamente atrelada a produção de pautas que relatam ou questionam as condições políticas-econômicas de uma cidade.

Retomando o que Queiroz (1991) defende, acerca das autobiografias, é possível perceber que as entrevistas analisadas com Eliseu, Jânio e Porthus aparentemente vai ao encontro daquilo que é proposto como trajetória de jornalistas negros em Caxias do Sul. Existem diferentes análises possíveis dos documentos, podendo ser correlacionadas, ou antagônicas e também mutuamente exclusivas, tudo isso dependendo da intenção do pesquisador no determinado momento.

Não seria possível formular nenhuma norma operacional que orientasse o trabalho de um pesquisador, uma vez que cada pesquisador tem sua própria experiência e sua própria erudição, que o levarão a um entendimento mais raso ou mais profundo dos materiais estudados, porém sempre diferente dos demais (QUEIROZ, 1991, p. 93).

Para Giron (2009, p. 31), “não é possível falar em democracia, sem a existência de direitos iguais entre os cidadãos”. A inserção do negro no jornalismo não recebe grande atenção em Caxias do Sul, porém o desdobramento sobre os cruzamentos de dados, as autobiografias, o que se evidencia a partir disso e, principalmente, aquilo que se deixa de evidenciar, são elementos que nada tem a ver com a cultura branca vigente, propondo uma nova ótica de discussão e contribuição econômica, cultural e social do negro em Caxias do Sul.

Diante disso, questiona-se: quais os motivos que levam os jornalistas negros a serem tão poucos em Caxias do Sul? A população negra, para Fernandes (1978) e Ribeiro (2015), não acessa os mesmos espaços da

mesma forma, existindo um mito de igualdade racial. O que acontece, no estudo realizado voltado seu olhar para Caxias, é uma repetição de um cenário nacional racista, onde o negro foi marginalizado, criando-se a partir da exceção – dos negros incluídos nos dados pesquisados e apresentados e nas autobiografias – uma regra. A qual se atribui um discurso meritocrático de “quem quer consegue”, sem analisar os panoramas de abismo social construídos ao longo da história.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenrolar da pesquisa, procurei a construção de uma unicidade teórica lógica e coesa, que permitisse perceber o antagonismo do que é retratado sobre o negro e, como de fato ele foi e é inserido na sociedade. Desde o princípio, ficou nítido que a pouca representatividade de ascensão social-econômica atual e história do negro no Brasil, Rio Grande do Sul e Caxias do Sul mantém uma relação entre si, chegando a se tornar, por vezes, um determinante único.

Nesse sentido, o estudo buscou conferir se tal apontamento é válido, quando se pensa em jornalistas negros, e não o jornalismo, mas sim o jornalista. Para tal intuito, foi preciso replicar uma série de objetivos específicos de pesquisa, que através desses, oferecem a base de conhecimento e autenticação para as análises posteriores.

Ao resgatar o processo histórico de inserção do negro no Brasil, Rio Grande do Sul e Caxias do Sul, uma das etapas propostas por este trabalho ficou evidente que o africano trazido para o país e seus descendentes nascidos aqui, tiveram um processo de negação do desenvolvimento de suas etnias atrelado a sua exploração como mão de obra escravizada. A ideia dos portugueses de colonizar o Brasil em tempos outrora, que era visto como um fortalecimento econômico para Portugal, logo se tornou um sistema escravagista consolidado, transformando os negros escravizados no ponto central de seu capital-econômico pelo maior período de escravidão da história.

No momento em que o potencial econômico dos braços e suores negros deixam de ser explorados - relata-se aqui que, não por livre e espontânea vontade lusa -, o Brasil inicia um processo de embranquecimento, estimulando a vinda de imigrantes europeus para ocuparem os postos de trabalho e terras adjacentes. Agora livres, não os proporcionando a possibilidade de desenvolvimento. Assim, é imprescindível uma relação com todos esses períodos, tanto para expandir a ideia do estudo, quanto para estreitar os motivos dos espaços onde os negros estão inseridos. Esse objetivo em específico, é importante para a compreensão de como a população negra não esteve, consciente ou inconscientemente, relacionada a profissão jornalismo, alçando através da história, os antagonismos de um sistema dominante branco vigente.

A fim de entender a *Trajetória de Jornalistas Negros em Caxias do Sul*, foi preciso contextualizar sobre a história da imprensa no Brasil, Rio Grande do Sul e Caxias do Sul. Estudar esse tópico foi essencial para o objetivo geral da pesquisa, pois a historicidade do jornalismo e o elemento Comunicação hoje, é responsável pela opinião de grande parcela da população. Como principal conclusão desta etapa de discussão, fica claro que a história da imprensa atrelada à profissão jornalismo também emolda a pouca inserção do jornalista negro. Deste modo, o potencial para tornar-se jornalista é maior, conforme o espaço econômico-social em que se está inserido.

A seguir, apresentei um panorama de jornalistas negros que se formaram pela Universidade de Caxias do Sul e, que trabalharam no veículo de comunicação Rádio Caxias. Como se intenciona validar, através do levantamento teórico e das análises quanti-qualitativas, que o negro tem pouca inserção na profissão jornalismo, é substancial conhecer os números de profissionais e graduados nas instituições mais tradicionais da cidade. Com os números apresentados, que abrangem o curso de jornalismo da Universidade de Caxias do Sul em seus 25 anos e a Rádio Caxias em seus 72 anos, pode-se proceder uma análise subsequente mais qualificada.

Procurei também, como objetivo específico, discutir como é a trajetória dos negros no jornalismo, a partir da história oral e autobiografia. Tal etapa aconteceu através da história dos mestres griôs e, posteriormente, o estudo da história oral e autobiografia, ramo da ciência que analisa a compreensão do passado e as formações do respectivo presente. Cada depoimento presente no trabalho é, conseqüentemente, uma unicidade comunicacional aplicada para construir um sentido das trajetórias que, se bem fundamentado, transpassa a própria autobiografia. Estudar tal metodologia foi importante na discussão sobre como traçar a inserção e trajetória de profissionais negros no jornalismo, sendo o objetivo principal da pesquisa.

Quando apontado como um indicativo de carência de jornalistas negros de forma eficaz, o jornalismo deixa de ser visto como um meio universal. Pelo contrário, a profissão de jornalista e a população negra brasileira se tornam distantes, desassociando-os e demonstrando a interferência social preeminente. Como as trajetórias são construídas por singularidades, nos quais a história justifica, de forma de exceções, no entendimento geral, conclui-se que os cenários dos depoimentos

também representam a exclusão do negro da ascensão econômica, social e cultural. Ao apresentar as autobiografias, os jornalistas negros também estão demonstrando um panorama real entre a profissão e a população negra. Assim, ser jornalista negro em Caxias do Sul, como tantas outras profissões que exigem um nível elevado de escolaridade, ainda é romper barreiras.

Possuindo essa base teórica, prosseguiu-se a etapa de análises. Utilizei das metodologias propostas por Thompson (2002), Minayo (2002) e Queiroz (1991), que ao decorrer da construção do projeto de pesquisa alicerçam a importância da pesquisa social, da história oral e a autobiografia como parte de registro documental. Também foram utilizados dois autores regionais Giron (2009) e Caregnato (2010) - leia-se aqui, não menos importantes -, para situar o negro relacionado a profissão jornalismo em Caxias do Sul.

Para os profissionais negros, não somente os jornalistas apresentados aqui por números ou autobiografias, a carência de representação social, cultural, histórica e econômica em Caxias, retrata um quadro já esperado, mas também preocupante. A história do município é contada, recontada e reforçada apenas na ótica do descendente de imigrantes italianos, por serem, também, os privilegiados na separação de espaços geográficos. Assim, o não retrato do negro na contribuição da construção da cidade vai além da história. O negro, por ter sua cultura suprimida, apresenta uma Caxias que, a maioria das vezes, vende para o setor turístico, aborda na história municipal e na sua identidade cultural, uma ideia de homogeneidade identitária. Tanto as trajetórias de jornalistas negros como uma cultura que prevalece em detrimento de outras, apontaram para uma exclusão social. Isso fica evidenciado nos números de graduados e profissionais, como também nos relatos autobiográficos analisados, e pôde ser observado ao longo deste trabalho.

Ao concluir a presente pesquisa, fica a certeza de que ela não encerra o abismo social entre o negro e a profissão jornalismo, mas o evidencia. A conclusão de que os jornalistas negros, quando presentes em espaços, são minoria, é a derradeira conclusão deste estudo, e também, quem sabe, um ponto de partida para expandir a discussão, buscar outros vieses de subversão do sistema branco vigente.

Além de alcançar parcialmente dentro de minhas possibilidades os resultados já esperados, também houve uma elucidação de como esse lugar não é

feito para negros e pobres como eu, mas é importante ocupar - leia-se aqui, marcar posicionamento - esses espaços privilegiados.

Não é um lugar feito para negros e pobres como eu, porque por mais que você acesse as universidades através de políticas públicas de ressarcimento, ou seja, cotas raciais, dentro da indústria academicista você é engolido, cito aqui, colocando as referências devidas como é exigido, o trecho da música “A Vida é Um Desafio” do grupo Racionais MC’s (2002):

Desde cedo a mãe da gente fala assim: “filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor”. Aí passado alguns anos eu pensei: como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses... por tudo que aconteceu? Duas vezes melhor como? Ou melhora ou ser o melhor ou o pior de uma vez. E sempre foi assim. Você vai escolher o que tiver mais perto de você, o que tiver dentro da sua realidade. Você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí? Acorda pra vida rapaz (RACIONAIS MC’S, 2002).

Entretanto, é importante ocupar esses espaços para além de colorir e embelezar com uma pele negra cheia de melanina. Possibilitar para os próximos alunos da graduação negros e negras uma mínima produção a qual tenham onde se espelhar, para entender que o caminho é árduo, mas é necessário para o nosso povo – explana-se aqui, nosso povo negro, pobre e marginalizado.

Por fim, de certa forma é gratificante produzir algo no qual acredito e que pode abrir espaço para subversão, para a compreensão de que existimos, enquanto indivíduos, construtores da história, da cultura e da economia. Concluo esse trabalho olhando para o jornalismo com o mesmo encantamento que sempre tive, mas com a certeza de que é necessário fazer muito mais, e farei. À vista disso, mesmo que num processo doloroso onde eu precisei de autores brancos para autenticar o que é ser negro no Brasil, sendo um, a incursão na produção deste trabalho acadêmico me possibilitou um alicerce, mesmo que singelo, para fundamentar o que eu já sabia e sentia subjetivamente. As referências bibliográficas não são o encerramento da *Trajatória de Jornalistas Negros em Caxias do Sul*, é apenas o primeiro capítulo de uma história que estamos reescrevendo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves; FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **A luz**: uma folha abolicionista na cidade do Rio Grande. Rio Grande, RS: FURG, 2002. 139 p. (Coleção pensar a história sul-rio-grandense; 17). ISBN 8575660063.

ANCARINI, Humberto. A colônia italiana de Caxias. Rio Grande do Sul, Brasil. In: DE BONI, Luis A. (Org.). **A Itália e o Rio Grande do Sul, IV**: relatório de autoridades italianas sobre a colonização em terras gaúchas. Porto Alegre: EST, 1983. p. 199.

ANDIFES. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. **Classes D e E são maioria nas Universidades Federais**. Brasília, DF: 2016. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/politicas-de-expansao-e-inclusao-contribuem-para-que-as-classes-d-e-e-sejam-a-maioria-dos-estudantes-das-universidades-federais/>>. Acesso em 01 jun. 2018.

ASSOUN, Paul-Laurent. **O olhar e a voz**: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 205 p. ISBN 858571722X.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites século XIX. 2.ed. rev. e aum. São Paulo: Annablume, 2004. 249 p. ISBN 8574194840.

BARRETO, Abeillard. **Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul: 1827-1850**. Porto Alegre: CORAG, 1986. 292 p.

CAREGNATO, Lucas. **A outra face**: a presença de afro-descendentes em Caxias do Sul 1900 a 1950. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2010. 127 p. ISBN 9788577051304.

CARTA CAPITAL. **Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil**. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>>. Acesso em 01 jun. 2018.

EBC. Empresa Brasil de Comunicação. **IBGE**: negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>>. Acesso em 31 mai. 2018.

EBC. Empresa Brasil de Comunicação. **Percentual de negros em universidades dobra, mas é inferior ao de brancos**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-12/percentual-de-negros-em-universidades-dobra-mas-e-inferior-ao-de-brancos>>. Acesso em 31 mai. 2018.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do negro na sociedade de classes**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1978. 2 v. (Ensaio; 34).

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. xxv, 277 p. ISBN 8522502005.

FULGÊNCIO, Rafael Figueiredo. O paradigma racista da política de imigração brasileira e os debates sobre a “Questão Chinesa” nos primeiros anos da República. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, ano 51, n. 202, abr./jun. 2014. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/51/202/ril_v51_n202_p203.pdf>. Acesso em 5 jun. 2018.

GIRON, Loraine Slomp. **Presença africana na serra gaúcha: subsídios**. Porto Alegre: Suliani, 2009. 189 p. ISBN 9788560776382.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. 107 p. ISBN 850109654.

GORENDER, Jacob. **Brasil em preto e branco: o passado escravista que não passou**. São Paulo: Senac, 2000. 112 p.

_____. **O escravismo colonial**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1978. 592 p. (Coleção ensaios, 29).

IANNI, Octávio. **Dialética das relações raciais**. Estudo avaliativo, 18, n. 50, p. 21-30, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100003>. Acesso em 13 jun. 2018.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violência**. Rio de Janeiro, RJ: 2017. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf>. Acesso em 01 jun. 2018.

KIRST, Marcos Fernando. **Rádio Caxias 70 anos: voz e identidade**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EducS, 2017. 160 p. ISBN 978-85-7061-875-7.

LAZZAROTTO, Valentim Angelo. **Pobres construtores de riqueza: absorção da mão-de-obra e expansão industrial na Metalúrgica Eberle: 1905 - 1970**. Caxias do Sul, RS: EducS; São Leopoldo, RS: EST, 1981. 199 p. (Coleção imigração italiana; 42).

MAESTRI, Mário. **O escravo no Rio Grande do Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1984. 203 p. ISBN 8570610033.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003. 133 p. ISBN 8524907711.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina (Org.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 303 p. ISBN 9788572444026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 80 p. (Coleção temas sociais (Vozes); 1). ISBN 85-326-1145-1.

PEREIRA, Patrícia da Silva. **Griot-educador: a pedagogia ancestral negro-africana**

e as infâncias, em um espaço de cultura afro-gaúcha. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/134701>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

PÓVOAS, Rui do Carmo (Org.). **Mejigã e o contexto da escravidão**. Ilhéus: Editora Editus, 2012. 496 p.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004, 191 p. ISBN 8570613040.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. São Paulo: TAO, 1991. 171 p.

RACIONAIS MC'S. A vida é desafio. In: **Nada como um dia após o outro dia**. Intérpretes: Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e Afro X. São Paulo, SP: Gravadora Cosa Nostra, 2002. CD (110 min.) Faixa 10.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015. 358 p. ISBN 9788526022256.

ROLNIK, Raquel. **Territórios negros: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro**. Revista de Estudos Afro-asiáticos, Rio de Janeiro, n. 17, 1989.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora Universitária, 1993. 86 p. (Síntese rio-grandense; 14). ISBN 8570252951.

SANTANA, Adrine Motley. **Memória e narrativa na voz de contadoras itinerantes e griots**. 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Letras.

SILVA, Celso Sisto. Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil. **Nau Literária**, Porto Alegre, v.9, n.1, jan./jun. 2013. Dossiê: Voz e Interculturalidade. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/43352/27859>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

SILVA, Jandira M.M. da; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa Sul-Rio-Grandense**. Porto Alegre: CORAG - Cia Riograndense de Artes Gráficas, 1986. 343 p.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. xviii, 501 p. ISBN 8585756888.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 2002. 385 p. ISBN 852190309-X.

VAZ, Sérgio. Blog Colecionador de Pedras: **Magia Negra**. 2012. Disponível em: <<http://coleccionadordepedras1.blogspot.com/2012/07/magia-negra-magia-negra-era>>

o-pele.html>. Acesso em 14 mai. 2018.

ANEXOS

**ANEXO A – RELAÇÃO NOMINAL DOS FORMADOS NO CURSO DE
JORNALISMO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**ANEXO B – RELAÇÃO NOMINAL DE JORNALISTAS QUE ATUAM OU
ATUARAM NA RÁDIO CAXIAS**

RELAÇÃO NOMINAL DE PROFISSIONAIS DE JORNALISMO RÁDIO CAXIAS:

Adelar Neves

Adelar dos Santos Neves

Alaor de Oliveira

Alberto Meneguzzi

Alcides Dalpan

Alessandro Valim

Alex Schneider

Américo Silveira Silva

Ansélio Brustolin

Antonio Mano

Antônio Braga

Arnaldo Ballvé

Athayde Ferreira

Ayrton Grossi

Britto Junior

Carlos Mambrini

Carmen Tomasi

Clareci Cobalchini

Claudia Palhano

Cleber Portela

Cristiano Gauer

Dante Andreis

Diego Pereira

Edgar Vaz

Eduardo Caravantes

Elias Silveira

Elizangela Beto

Ernani Falcão

Evandro Fontana

Fernando Santos

Firmo Carneiro

Flávio Chaves

Francisco Michielin
Franck Almeida
Frederico Ballvé
Fábio Ramos Berti
Gerson Ben
Getúlio Soares
Gilberto Mendes
Gildo Flores
Guilherme do Valle Tonniges
Hilton Brito
Iara Soares
Ildo Meneghetti
Jeferson Scholz
Jimmy Rodrigues
Joaquim Pedro Lisboa
Jorge Estrada
Jorge Fantinel
Jorge Rodrigues
José Domingos Susin
José Enir
Jotha del Fabro
João Claudio Garavaglia
Leonel Lahm de Castilhos
Lisete Oselame
Luiz Bolsoni
Luiz Carlos Corrêa
Luiz Carlos Souza
Luiz Carlos de Lucena
Luiz Napolitano
Marcelo Oliveira
Margot Sauer
Milton Rossorola
Mário Bernardino Ramos
Neden Chedid

Nestor Domingos Rizzo

Nestor Gollo

Nilton Paz

Orestes Soares

Osvaldo Lacerda

Osvaldo de Assis

Otaviano Fonseca

Paulo Cancian

Paulo Rodrigues

Pedrinho Machado

Pedro Guterres

Rafaela Daros

Renato Henrichs

Renato Miller

Reni Sefeld

Rodrigo Rossi

Sinval Paim

Sérgio Stock

Tomás Seidl

Velton Cezar

Vivaldo Vargas de Almeida

Waldin Fasoli

Wilson Marchioro

TOTAL DE PROFISSIONAIS DE JORNALISMO: 89

TOTAL DE PROFISSIONAIS DE JORNALISMO NEGROS: 1

ANEXO C – PROJETO MONOGRAFIA I